UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LEONARDO BERNARDES SILVA DE MELO

A DUPLA CARREIRA DO ESTUDANTE-ATLETA: AS ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO DAS ROTINAS NO ESPORTE E NA ESCOLA

VITÓRIA
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LEONARDO BERNARDES SILVA DE MELO

A DUPLA CARREIRA DO ESTUDANTE-ATLETA: AS ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO DAS ROTINAS NO ESPORTE E NA ESCOLA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, para obtenção do título de Doutor em Educação Física, na área de concentração Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer
Orientador: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares.

VITÓRIA
2018

LEONARDO BERNARDES SILVA DE MELO

A DUPLA CARREIRA DO ESTUDANTE-ATLETA: AS ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO DAS ROTINAS NO ESPORTE E NA ESCOLA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, para obtenção do título de Doutor em Educação Física, na área de concentração Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte e Lazer

Aprovada em 27 de setembro de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

_____
Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo

_____
Prof. Dr. Wagner dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo

_____
Prof. Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha
Colégio Pedro II/ProEF

_____
Prof. Dr. Miguel Ataíde Pinto da Costa
Colégio Pedro II/ProEF

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Melo, Leonardo Bernardes Silva de, 1983-
M528d A DUPLA CARREIRA DO ESTUDANTE-ATLETA: AS ESTRATÉGIAS DE CONCILIAÇÃO DAS ROTINAS NO ESPORTE E NA ESCOLA / Leonardo Bernardes Silva de Melo. - 2018.
95 f. : il.

Orientador: Antonio Jorge Gonçalves Soares.
Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Esporte. 2. Escolarização. 3. Estudantes-atletas. 4. Dupla carreira. I. Soares, Antonio Jorge Gonçalves. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os percalços nesses quatros anos. E finalmente é chegada a hora de agradecer a confiança e o apoio de inúmeras pessoas para a realização desta tese.

À minha esposa Jaqueline, pelo companheirismo e apoio, que nos momentos mais difíceis não me deixou desistir. Pela paciência em ouvir todas as minhas questões e incertezas (muitas vezes nas madrugadas). E por todo carinho e dedicação para comigo. Não tenho palavras para agradecer tudo que fez e faz por mim. Você é fantástica!!!

Aos meus pais, Rogerio e Tania, por sempre me incentivarem perante os desafios a fazer mais e melhor. Agradeço a vocês pelo amor incondicional e pela forma como ao longo de todos estes anos, tão bem, souberam ajudar-me. Sinto-me orgulhoso e privilegiado por ter pais tão especiais.

Ao meu orientador, Prof. Antonio Jorge G. Soares (Toni), pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação. Em tantas vezes que nos reunimos e, embora em algumas eu chegasse desestimulado, bastavam alguns minutos de conversa e umas poucas palavras de incentivo para que eu retomasse o caminho. Obrigado por acreditar em mim, pelos conselhos, confiança e principalmente por sua compreensão nos momentos mais tensos dessa trajetória. Tenho certeza de que não chegaria neste ponto sem o seu apoio. Você foi e está sendo muito mais que orientador: para mim será sempre mestre e amigo.

Ao Prof. Dr. Hugo Paula Almeida da Rocha, que foi fundamental na finalização dessa tese. Obrigado, meu amigo, por todas as contribuições, críticas, sugestões, ideias e conversas.

Aos professores Dr. Amarílio Ferreira Neto e Dr. Wagner dos Santos, pelas contribuições ao longo do processo e por sempre me receberem tão bem no PROTEORIA.

Aos integrantes do LABEC-UFRJ, pelas trocas, conversas, incentivos e debates que foram importantes para a construção desta tese.

Ao Dr. José Daniel Costa, que, no meu momento mais difícil, conseguiu me ajudar a reestabelecer o equilíbrio que eu precisava para finalização dessa tese. Muito obrigado!!!

Por fim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta tese, o meu sincero agradecimento.

“Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento”.
(Dom Quixote – Engenheiros do Hawaii)

RESUMO

A dupla carreira esportiva é um tema amplamente abordado na literatura internacional, e as pesquisas nacionais começam a apresentar resultados interessantes nos campos da Educação e da Educação Física. Podemos definir a dupla carreira como uma espécie de formação em duas agências que geram demandas e têm obrigações a cumprir. Essa tese demonstra como a gestão objetiva da dupla carreira constrói um viés para a flexibilização do currículo escolar, fazendo com que os programas de mediação da dupla carreira amenizem os problemas relacionados às rotinas, mas não encontrem as devidas soluções. Podemos sugerir que essa tese articula a ideia de que as vantagens oferecidas pelos programas europeus de mediação da dupla carreira focam na redução do tempo de deslocamento do estudante-atleta e na compatibilização dos horários, oferecendo condições para que o treinamento e a formação escolar aconteçam quase que no mesmo espaço. Além disso, essa tese apresenta as vantagens e desvantagens dos programas de mediação da dupla carreira, e também aponta um modelo médio de conciliação da dupla carreira no Brasil, a partir do estudo sobre estudantes-atletas praticantes de futebol em clubes do Rio de Janeiro e de um programa que talvez possa ser adotado como um ensaio nacional para mediação da dupla carreira, que é o Programa Bolsa Atleta do Governo Federal. O que pode sustentar a tese de que os programas de mediação da dupla carreira amenizam os efeitos dessa relação, mas não apresentam soluções concretas para esse tipo de formação, é que os estudantes-atletas europeus – conforme mostram os estudos – relatam os mesmos problemas que os brasileiros, mesmo na ausência dos programas de mediação no Brasil. Com base nisso, essa tese traz à tona a necessidade de maiores investimentos na compreensão do contexto de escolha da dupla carreira. Vimos que, mesmo com intervenção em diferentes níveis, o mercado europeu consegue amenizar poucos efeitos da dupla carreira, mas não soluciona os maiores problemas que levam estudantes-atletas a desistirem do esporte ou da escola.

Palavras-chave: Dupla carreira. Escolarização. Esporte. Estudantes-atletas.

ABSTRACT

The dual career is a subject widely covered in the international literature and national surveys begin to present interesting results in the fields of education and physical education. We can define the dual career as a kind of formation in two agencies that generate demands and have obligations to fulfill. This thesis demonstrates how the objective management of the dual career builds a bias towards the flexibility of the school curriculum, making the dual career mediation programs alleviate the problems related to the routines, but do not find the right solutions. It may be suggested that this thesis articulates the idea that the advantages offered by the European dual career mediation programs focus on reducing the student-athlete's travel time and the compatibility of schedules, providing conditions for training and schooling to take place almost in the same space. This thesis therefore presents the advantages and disadvantages of dual career mediation programs; also an average model of conciliation of the dual career in Brazil, based on the study of student-athletes practicing football in clubs in Rio de Janeiro; and a program, which we may adopt as a national trial for dual career mediation, which is the Federal Government's Athlete Scholarship Program. What may support the thesis that dual career mediation programs are lessening the effects of this relationship, but do not present concrete solutions to this type of training, is that in the subsequent studies presented in the thesis it is shown that, even in the absence of mediation programs in Brazil, student-athletes report the same problems as in European cases. Thus, this thesis brings out the need for greater investments in understanding the context of choosing a dual career. We have seen that even with intervention at different levels, the European market is able to soften few effects of the dual career, but it does not solve the major problems that lead student-athletes to give up sports or school.
Keywords: Dual career. Schooling. Sport. Student-athletes.

LISTA DE SIGLAS

ABDIB – Associação Brasileira de Infraestrutura e Estrutura de Base

ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EU – União Europeia

FIFA – *Fédération Internationale de Football Association*

GEA – Ginásio Experimental de Artes Visuais

GENTE – Ginásio Experimental de Novas Tecnologias

GEO – Ginásio Experimental Olímpico

GES – Ginásio Experimental do Samba

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSEP – *National Institute of Sport and Physical Education*

JEBs – Jogos Estudantis Brasileiros

JUBs – Jogos Universitários Brasileiros

LABEC – Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LSE – Levantamento Socioeconômico

MPT – Ministério Público do Trabalho

NCAA – *National Collegiate Athletic Association*

NFHS – *National Federation of State High School Associations*

PROAD – *Programa de Ayuda al Deportista*

RIGs – Escolas Nacionais de Elite de Esportes

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SAPESP – Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tempo Semanal dedicado ao Futebol e à Escola.....41
Tabela 2 – Distribuição das características dos atletas.....54
Tabela 3 – Tempo médio de jornada escolar por faixa etária, modalidade, turno e nível de ensino.....55
Tabela 4 – Tempo de treinamento por modalidade, faixa etária e turno de frequência à escola.....56
Tabela 5 – Frequência e percentual de escolaridade dos pais e dos atletas separados por modalidade esportiva e faixa etária.....57
Tabela 6 – Renda média bruta familiar da população brasileira em 2012.....60
Tabela 7 – Frequência e percentual de abono, remarcação provas e aulas extras por modalidade e faixa etária.....60
Tabela 8 – Frequência e percentual do nível de ensino que os atletas desejam alcançar por faixa etária e modalidade.....61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos artigos selecionados para a revisão.....25
Quadro 2 – Características dos sujeitos dos artigos selecionados para a revisão....25

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição percentual do turno de frequência à escola por categoria....43
Figura 2 – Classe social dos atletas de 14 aos 17 anos por modalidade.....59
Figura 3 – Classe social dos atletas de 18 aos 24 anos por modalidade.....59

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES INICIAIS 14
1 INTRODUÇÃO 14
2 O CONTEXTO DAS PESQUISAS SOBRE DUPLA CARREIRA 16

CAPÍTULO II – VANTAGENS E DESVANTAGENS DE UMA DUPLA CARREIRA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA 20
1 INTRODUÇÃO 20
2 MÉTODOS 22
2.1 ESTRATÉGIA DE BUSCA 22
3 RESULTADOS 24
3.1 DESVANTAGENS 25
3.2 VANTAGENS 29
4 DISCUSSÃO 31

CAPÍTULO III – JORNADA ESCOLAR VERSUS TEMPO DE TREINAMENTO: A PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL E A FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA 37
1 INTRODUÇÃO 37
2 MATERIAL E MÉTODOS 39
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 40
2.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE 40
2.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS 41
3 RESULTADOS ..... **Erro! Indicador não definido.**
4 DISCUSSÃO 41
5 CONCLUSÃO 47

CAPÍTULO IV – ESPORTE E ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE A CONCILIAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A ESCOLARIZAÇÃO DE ATLETAS INSERIDOS NA CATEGORIA ESTUDANTIL DO PROGRAMA BOLSA ATLETA . 49
1 INTRODUÇÃO 49
2 MÉTODOS 52
2.1 DESENHO DO ESTUDO E INSTRUMENTOS 52
2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA 53
2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE 54
2.4 RESULTADOS 55

3 DISCUSSÃO.....62

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS 68

REFERÊNCIAS.....72

APÊNDICE A – Entrevista estruturada.....77

APÊNDICE B – Jornada escolar *versus* tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica.....87

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1 INTRODUÇÃO

A conciliação da dupla carreira é um problema que afeta a rotina do estudante-atleta. Se considerarmos os trabalhos apresentados, observaremos que a Europa está avançada em sua agenda política, a qual destaca a dupla carreira como um problema a ser enfrentado pelos países membros da União Europeia. Não por acaso, os *Guidelines* (2012) sugerem que esses países articulem meios de conciliação da dupla carreira do estudante-atleta, baseados nos estudos em que a gestão das características objetivas dessa formação eram o foco. Talvez, por esse motivo, os programas europeus de mediação da dupla carreira tenham atentado para uma flexibilização do currículo e do tempo escolar. Por outro lado, as pesquisas nacionais indicam que, mesmo não havendo programas de conciliação da dupla carreira do estudante-atleta, as estratégias adotadas pelos agentes responsáveis pelas instituições envolvidas também apontam para uma flexibilização das normas escolares.

Considerando as premissas da conciliação da dupla carreira, verificamos que a análise da gestão das características objetivas da dupla carreira pode criar um viés nos resultados, indicando que o tempo é uma variável que gera concorrência entre as duas agências de formação, o esporte e a escola. Por esse motivo, os modelos de mediação da dupla carreira buscam a reorganização do currículo escolar ou a diminuição do tempo de investimento em uma das duas carreiras. Todavia, podemos pensar que o tempo talvez seja um problema comum a qualquer condição, seja na escola, no esporte ou no trabalho. Talvez possamos indicar que devemos investir nas escolhas realizadas pelos estudantes-atletas, que decidem dispensar tempo a duas agências de formação, ainda que saibam que não conseguirão compatibilizar as rotinas de obrigação delas.

Essa tese demonstra como a gestão objetiva da dupla carreira constrói um caminho para a flexibilização do currículo escolar, fazendo com que os programas de mediação da dupla carreira amenizem os problemas relacionados às rotinas, mas

não encontrem as devidas soluções. Podemos sugerir que essa tese articula a ideia de que as vantagens oferecidas pelos programas europeus de mediação da dupla carreira focam na redução do tempo de deslocamento do estudante-atleta e na compatibilização dos horários, oferecendo condições para que o treinamento e a formação escolar aconteçam quase que no mesmo espaço.

Se pensarmos que a dupla carreira é uma escolha individual e racional, podemos sugerir que a análise do contexto social e a percepção sobre as oportunidades de sucesso, tanto na escola como no esporte, podem influenciar tal decisão. Observemos que, na tese de Rocha (2017), o autor demonstrou que o projeto de formação da carreira do estudante-atleta de futebol passava pelo reconhecimento de que a escola secundarizava o seu projeto de escolarização para o atleta. Considerando a dupla carreira, vemos a escola como uma obrigação, o trabalho como uma possibilidade e o esporte como um direito, e, nesse espectro, o estudante-atleta pesa os desejos e as oportunidades para planejar a carreira a seguir.

No campo da escolha racional, para exercer o direito à educação, ao trabalho e ao esporte, o estudante-atleta analisa os contextos, escuta as redes sociais e maneja seus desejos individuais para racionalizar seu projeto de carreira (ROCHA, 2017). Esses aspectos da dupla carreira não se esgotam na análise das suas condições objetivas, tornando a leitura sobre esses fatos uma contextualização dos efeitos perversos de uma escolha racional. Nesse sentido, acreditamos que os estudos sobre a dupla carreira podem passar a explicar o investimento nessa situação que, apurando os dados objetivos, traz problemas como cansaço físico, esgotamento psicológico e dificuldades de formação nas duas agências, deixando a sensação de serviço inacabado.

Ao trazer essa tese para o campo do debate, podemos indicar que a revisão sistemática apresenta os dados sobre os programas de mediação da dupla carreira na Europa. Destacamos, no Capítulo II, as vantagens e desvantagens desses programas indicadas pelos autores de cada artigo; na sequência, descrevemos duas situações sobre a dupla carreira no Brasil, a saber: os enfrentamentos dos estudantes-atletas de futebol na gestão das rotinas da dupla carreira no Rio de Janeiro; e um Programa ensaístico de auxílio financeiro à formação do estudante-atleta no Brasil, o Programa Bolsa Atleta. A linha que defendemos nesse trabalho mostra que, com a mediação dos programas europeus, os estudantes-atletas

conseguiam amenizar os problemas da dupla carreira na dimensão objetiva; porém, comparando com os dados dos outros dois artigos sobre estudantes-atletas brasileiros, observamos que as estratégias de conciliação da dupla carreira são quase sempre dependentes das ações individuais dos estudantes-atletas com os demais envolvidos em sua dupla carreira, como família, clube, agentes, etc.

2 O CONTEXTO DAS PESQUISAS SOBRE DUPLA CARREIRA

A dupla carreira esportiva é um tema amplamente abordado na literatura internacional, e as pesquisas nacionais começam a apresentar resultados interessantes nos campos da Educação e da Educação Física. Podemos definir a dupla carreira como uma espécie de formação em duas agências que geram demandas e têm obrigações a cumprir. As pesquisas realizadas pelo Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), têm um histórico iniciado em 2007, quando investigaram a vida de dois estudantes-atletas de uma escolinha de futebol do Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. O estudo de Souza et al. (2008) indicou que a carreira esportiva desses dois jovens seguiu o rumo da profissionalização, porém, somente um deles obteve sucesso na carreira de jogador de futebol. O outro estudante-atleta pouco conseguiu fixar-se em um clube de futebol e ainda menos dedicou tempo à educação. O resultado desse processo foi o afastamento gradativo das obrigações escolares e a consequente alocação em empregos pouco valorizados no mercado de trabalho, por falta de qualificação educacional.

A partir dessa investigação, o questionamento sobre a conciliação da dupla carreira surgiu, baseando-se na ideia de que os estudantes-atletas não conseguiam dedicar-se simultaneamente às rotinas e obrigações no esporte e na escola. Nesse sentido, o desenvolvimento das pesquisas no LABEC demonstrou variação nas estratégias de conciliação da dupla carreira dos estudantes-atletas em diferentes modalidades esportivas. Focado no futebol, Melo (2010) indicou que os estudantes-atletas das categorias de base no Rio de Janeiro tinham o mesmo tempo de escolaridade que jovens da mesma faixa etária e que não jogavam futebol. O fluxo dos atletas pelos anos escolares apresentava-se de forma regular, com menos retenções, comparando-o com a progressão dos estudantes com a mesma faixa

etária no Rio de Janeiro. Em tese, a hipótese inicial de que a rotina de treinamento no futebol poderia atrapalhar a vida escolar dos jovens atletas do futebol seria refutada.

Podemos sugerir que esses indicadores mostrariam que os estudantes-atletas e a dupla carreira pouco intervinham na rotina escolar desses jovens. Porém, devemos relativizar o dado, pois, considerando que o perfil socioeconômico dos estudantes-atletas investigados por Melo (2010) estava associado à classe média e que não fora feito o pareamento na comparação do autor, pode-se pensar que o fluxo regular do estudante-atleta nos anos escolares pode estar vinculado ao seu *background* familiar, não podendo ser comparado de forma direta com todo o quadro de estudantes do Rio de Janeiro. Ainda assim, outra condição interessante sobre a pesquisa de Melo (2010) foi a de que essa regularidade na progressão escolar era alcançada ao mesmo tempo em que se observavam mecanismos de afrouxamento das normas escolares para os estudantes-atletas. Esse favorecimento aos estudantes-atletas permitia que eles compatibilizassem melhor os horários de treinamento e estudos, abonando faltas, permitindo atrasos às aulas, remarcando provas, etc.

A pesquisa de Melo (2010) impulsionou uma série de estudos sobre dupla carreira no LABEC. Estudos sobre a Escola de Profissionais do Turfe indicavam que a formação escolar dos estudantes-atletas vinha prejudicada antes mesmo de eles ingressarem no clube esportivo (ROCHA, 2013). Ao mesmo tempo, Costa (2012) mencionou que o projeto de carreira de estudantes-atletas de futsal feminino tinha como meta o ensino superior, utilizando-se do esporte como ferramenta para conquistar bolsas de estudo nas instituições. Outros estudos mostraram estratégias diferentes para a solução dos problemas associados à dedicação na dupla carreira, mas todos eles indicavam que o principal mecanismo de gestão das rotinas obrigatórias era a negociação entre estudantes-atletas e demais agentes dos clubes, escolas e famílias (COSTA, 2012; ROCHA, 2013, 2017; CORREIA, 2014, 2018; ROMÃO, 2017; COSTA; SILVA, 2016).

A pesquisa envolvendo estudantes-atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta apresentou que os mecanismos de flexibilização das normas regulares da escola apareciam discretamente. Os clubes incentivavam a frequência dos estudantes-atletas à escola e o cumprimento das tarefas escolares em alguns casos (COSTA; SILVA, 2016; ROMÃO, 2017). O que podemos destacar é que, mesmo

nesses casos, as regras do esporte não se alteravam para facilitar o cumprimento dessas obrigações do estudante-atleta. Embora ainda haja também uma rigidez nas normas do esporte, no caso dos beneficiados do Programa Bolsa Atleta, esses estudantes-atletas têm mais oportunidades de conciliação das rotinas do esporte e da escola em comparação com os jovens atletas das categorias de base do futebol no estado do Rio de Janeiro.

A dupla carreira lida com duas agências de formação que se desenvolveram de forma independente no Brasil e em outros países do mundo. Talvez seja por esse motivo que as dificuldades de conciliação apareçam, uma vez que cada uma das instituições reivindica para si a prioridade para o cumprimento de suas tarefas. Nesse sentido, uma diferença entre os estudos brasileiros, comparados aos europeus, é que o sistema educacional brasileiro se apresenta de maneira incompleta, não tendo a universalização do acesso garantido, o fluxo escolar desigual, criando gargalos e baixando as expectativas de quem nele observa alguma oportunidade de mobilidade social e econômica (SCHWARTZMAN, 2011, 2016; RIBEIRO, 2009, 2011; CARDOSO, 2013; CORROCHANO, 2013). A preocupação nos estudos europeus sobre dupla carreira é a descontinuidade do projeto de profissionalização esportiva, pois os estudantes-atletas por vezes decidem que a escolarização é mais relevante para o seu plano de vida do que a formação esportiva (LANDA, 2015).

Observemos que, no nível micro, as vontades individuais direcionam as negociações e criam as possibilidades de conciliação da dupla carreira. Porém, analisando o contexto das oportunidades, quando se pensa em modelos de educação que possibilitem o alcance das metas de carreira, os estudantes-atletas podem escolher investir em um projeto de carreira em que eles sintam mais segurança, como o projeto educacional. Para isso, o sistema educacional precisa oferecer oportunidades concretas, e as instituições que administram o mundo esportivo – e que determinam calendários, distribuição de dinheiro, responsabilidades dos clubes e outras ações que determinam os caminhos a serem seguidos por todos os envolvidos – precisam de uma regulação legal.

As demandas do esporte e da escola precisam ser administradas por aqueles que se empenham em atingir o alto desempenho esportivo em alguma modalidade. Embora não muito problematizada essa questão em nossa sociedade, esse é um tema central para as carreiras que exigem uma precoce profissionalização para

aqueles que, em tese, ainda vivem um período de moratória social. Nos campos esportivos, artísticos ou mesmo no mercado de trabalho ordinário, esse tipo de problema de conciliação de carreiras passa pelo debate da política e dos programas educacionais de forma quase invisível em nosso país.

Podemos afirmar que, timidamente, esse tema passa a fazer algum barulho na construção da agenda do esporte brasileiro. Muito desse barulho se dá pelas ações do Ministério Público do Trabalho (MPT) ao auditar os clubes de futebol que recrutam jovens em idade escolar, de diferentes estados brasileiros, e que os mantêm em condições precárias e também, muitas vezes, fora da escola. Essas ações do MPT demonstram que, no caso desse rentável mercado esportivo, os jovens que voluntariamente se submetem a essas condições são explorados e possuem seus direitos à escolarização e à permanência junto às suas famílias sequestrados. Todavia, toda essa discussão passa ao largo do debate no campo da Educação, que legitimamente debate uma série de especificidades de atendimento no sistema escolar, mas não trata das demandas dos estudantes que necessitam precocemente construir uma carreira paralela ao sistema escolar.

CAPÍTULO II

VANTAGENS E DESVANTAGENS DE UMA DUPLA CARREIRA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo identificar as vantagens e desvantagens dos programas de mediação da dupla carreira nas rotinas dos atletas, através de uma revisão sistemática da literatura. Justifica-se tal estudo uma vez que há uma demanda crescente de jovens que buscam se dedicar a uma dupla formação com vias à consolidação de suas carreiras no esporte e na escola. A categoria que pretendemos analisar é conhecida na literatura nacional e internacional como dupla carreira, para tratar da conciliação de duas trajetórias que acontecem em esferas de atuação de forma independente, na escola e no esporte (EUROPEAN COMMISSION, 2007). Tais agências de educação e formação atuam na maior parte dos países perseguindo seus próprios objetivos, apesar de lidarem com jovens em processo de formação.

São muitos os jovens que buscam ingressar no mercado esportivo de alto rendimento, todavia, o mercado esportivo possui um número limitado de postos de trabalho, se comparado com a demanda de jovens atletas que buscam a profissionalização. Destaque-se que esta população de jovens investe um tempo significativo de suas rotinas semanais entre a formação esportiva e a formação escolar. Melo (2010) apontou que atletas de futebol em formação no Estado do Rio de Janeiro dedicam cerca de 50 horas semanais com a frequência à escola e com a formação no futebol. Esses jovens podem ser nomeados estudantes-atletas, na medida em que vivenciam as consequências de uma rotina que está dividida entre as demandas do esporte e da escola.

A dupla carreira do estudante-atleta exige, junto da frequência à escola ou faculdade, com todas as demandas relacionadas à formação acadêmica, a dedicação à formação esportiva com as demandas dos treinamentos diários, das viagens e das competições. No Brasil, os sistemas esportivos e escolares funcionam como agências independentes, e os debates sobre conciliação nunca tiveram peso na agenda das federações esportivas, das políticas governamentais e dos sistemas

de ensino. Os estudos no cenário brasileiro indicam que a educação básica, em geral, flexibiliza as normas escolares, com a remarcação de provas e abono das faltas (MELO, 2010; COSTA, 2012; SOARES et al., 2013; MELO et al., 2014, MELO et al., 2016; ROCHA, 2013). Esse afrouxamento das normas escolares para os atletas permite que consigam adequar melhor os horários de treinamento e as demandas da formação esportiva em detrimento da frequência escolar ou do cumprimento de tarefas ou avaliações previstas no calendário escolar.

A dupla carreira de estudantes-atletas tem recebido maior atenção ao redor do mundo. Na maioria dos países europeus, nos EUA, Canadá, Austrália e diversos países asiáticos a gestão da dupla carreira faz parte das políticas de escolarização e dos sistemas esportivos. Nos países integrantes da União Europeia (EU), foi publicado o estudo "*EU Guidelines on Dual Careers of Athletes Recommended Policy Actions in Support of Dual Careers in High-Performance Sport*", que indicou as dificuldades de conciliação entre esporte e escolarização dos atletas. As diretrizes propostas nos *Guidelines* (2012) orientam os estados membros da UE a garantirem aos estudantes-atletas formação educacional e esportiva de qualidade, de modo a mitigar as dificuldades da conciliação entre estas carreiras. Os *Guidelines* (2012) representam uma resposta aos problemas identificados pelo *European Council's Declaration on Sport* de 2008 (Bruxelas, Bélgica).

O intuito de tais diretrizes europeias é a redução do número de atletas que abandonam a escola, universidade ou esporte. As diretrizes apontam para a necessidade de qualidade dos centros de formação esportiva e para a construção de mecanismos que garantam a permanência dos estudantes-atletas nas escolas e nas universidades. A intenção da orientação dessa política é garantir o desenvolvimento moral, educacional e os interesses profissionais dos estudantes-atletas.

Outra preocupação dos *Guidelines* (2012) é a gestão da pós-carreira dos atletas. Os atletas necessitam possuir ferramentas para ingressarem no mercado de trabalho após o final de suas carreiras esportivas. A baixa capacidade de reconversão profissional do ex-atleta para o mercado de outras profissões no esporte preocupa os formuladores dessa política na UE. Nesse sentido, ter uma formação acadêmica alternativa em qualquer especialidade ou mesmo no esporte se torna fundamental para aumentar a capacidade de reconversão profissional dos atletas quando deixam o espaço das competições esportivas. Tal política intenciona preservar as possibilidades do desenvolvimento dos talentos esportivos e, ao

mesmo tempo, garantir uma educação de qualidade para os que se envolvem com a formação esportiva de alto rendimento.

Em dezembro de 2015 a UE publicou o "*Study on the minimum quality requirements for dual career services*" que, além de estabelecer uma lista preliminar de requisitos mínimos para os centros de treinamento de atletas de alto rendimento, traçou um perfil de 25 países pertencentes à UE em relação às políticas e programas de conciliação da dupla carreira. Estima-se que os programas de dupla carreira na UE possam atender 120.000 atletas por ano, com a intenção de conciliar com sucesso a formação esportiva com a formação acadêmica.

Nessa direção, Aquilina e Henry (2010) apresentaram quatro diferentes abordagens de conciliação da dupla carreira para estudantes-atletas cursando nível superior na Europa, a saber: a) **Estado como regulador das ações** – esta abordagem indica que responsabilidade paira sobre as Instituições de Ensino, que devem adaptar a conciliação da dupla carreira através de legislações; b) **Estado como patrocinador** – nesse modelo, o Estado financia e promove acordos formais com as instituições, todavia, não possui influência direta nas políticas de dupla carreira; c) **Federações nacionais como mediadores** – dessa forma, os sistemas de conciliação das duplas carreiras são mediados pelas federações esportivas nacionais; d) **Inexistência de estruturas formais –** nesse caso, não existem medidas estruturadas; quando ocorrem, são realizadas através de acordos realizados individualmente.

Como descrevemos acima, existem algumas possibilidades de gestão da dupla carreira que vão desde a intervenção estatal até os acordos contingenciais entre clubes, escolas e famílias. Nessa direção, focamos nossas observações na literatura específica que indica vantagens e desvantagens na gestão da dupla carreira nos programas.

2 MÉTODOS

2.1 ESTRATÉGIA DE BUSCA

As buscas foram realizadas nas bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *PsycARTICLES* e *Sportdiscus*, acessadas no dia 20 de abril 2017. A estratégia para

seleção dos artigos foi baseada na seguinte chave de busca: "*dual career*" *and* "*athlete*" *or* "*sports*" *and* "*education*" *or* "*studies*" *or* "*student*" *or* "*school*".

2.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO

Para serem considerados elegíveis para a revisão sistemática, os estudos tiveram de cumprir os seguintes critérios de seleção:

a) estar relacionado com a dupla carreira dos estudantes-atletas;
b) apresentar a análise de algum programa de mediação da dupla carreira;
c) evidenciar as consequências da mediação da dupla carreira nas rotinas dos atletas.;
d) ser artigo de revista, livro ou capítulo de livro;
e) estar escrito ou em inglês ou em português ou em espanhol.

Não houve limitação de data de publicação na revisão sistemática, todos os artigos encontrados (em qualquer data de publicação disponível nas bases de dados) poderiam ser incluídos na revisão.

Na busca inicial foram encontrados 83 artigos, distribuídos da seguinte forma nas bases de dados: a) *Scopus*: 32 artigos; b) *Web of Science*: 13 artigos; c) *PsycARTICLES*: 15 artigos; d) *Sportdiscus*: 23 artigos. No segundo momento, após a busca, procedeu-se a eliminação dos artigos duplicados encontrados nas bases de dados, obtendo-se, dessa forma, 41 artigos. No terceiro momento, esses 41 artigos tiveram seus títulos, resumos e palavras-chave avaliados de forma independente por dois revisores, para verificação dos critérios de inclusão na pesquisa. O revisor 1 selecionou 9 artigos, enquanto o revisor 2 selecionou 6 artigos. Um terceiro revisor fez a leitura dos 3 artigos de discordância entre os revisores 1 e 2. E acrescentou mais 1 artigo à seleção. Portanto, para nossa análise final, foram selecionados sete artigos.

3 RESULTADOS

Quadro 1 – Caracterização dos artigos selecionados para a revisão

Ano	Autores	Países	Instrumento de coleta de dados	Objetivos do estudo
2016	Gómez et al.	Espanha.	Entrevistas semiestruturadas.	Analisar os facilitadores e barreiras que influenciam a compactação de aspectos acadêmicos e esportivos em remadores de alto rendimento.
2013	Aquilina.	Finlândia, França e Reino Unido.	História de vida (abordagem narrativa).	Identificar tanto as oportunidades quanto as restrições experimentadas por estudantes-atletas na combinação de uma carreira acadêmica e esportiva com sucesso, em três países europeus.
2016	Fuchs et al.	Áustria, Estônia, Finlândia, Itália e Eslovênia.	Entrevistas semiestruturadas.	Investigar percepções de estudantes-atletas em relação ao esporte e à carreira acadêmica. Analisar possíveis implementações de serviços de dupla carreira.
2015	Tshube e Feltz.	África do Sul, Botsuana, Namíbia e Zimbábue.	Pesquisa on-line, entrevistas semiestruturadas e grupos focais.	Analisar a disponibilidade de serviços de apoio para carreiras de estudantes-atletas em seus respectivos países.
2015	López de Subijana, Barriopedro e Conde.	Espanha.	Questionário online.	Analisar se um Programa de Assistência à Carreira (PROAD) facilita a dupla carreira.
2015	Baron-Thiene e Alfermann.	Alemanha.	Questionário padronizado.	Identificar as características pessoais que predizem abandono versus continuação entre atletas de dupla carreira de diferentes esportes que frequentam escolas esportivas.
2014	Stambulova et al.	Suécia.	Desenho de pesquisa longitudinal de método misto foi usado com a abordagem quantitativa e partes qualitativas.	Examinar as experiências de atletas universitários de dupla carreira durante o primeiro ano em RIGs, com um enfoque particular no desenvolvimento de suas identidades atléticas e estudantis.

Quadro 2 – Características dos sujeitos dos artigos selecionados para a revisão

Autores	Participantes	Sexo	Faixa etária	Tipo de modalidade	Nível de ensino
Gómez et al.	11	Homens e mulheres	17 a 23 anos	Individual	Ensino superior
Aquilina	18	Homens e mulheres	20 a 42 anos	Coletivos e individuais	Ensino superior
Fuchs et al.	221	Homens e mulheres	Média de 23,4 anos	Coletivos e individuais	Ensino superior
Tshube e Feltz	17	Homens e mulheres	27 a 43 anos	Coletivos e individuais	Educação Básica e Ensino Superior
López de Subijana, Barriopedro e Conde.	575	Homens e mulheres	Média de 23,8 anos	Coletivos e individuais	Educação Básica e Ensino Superior
Baron-Thiene e Alfermann	125	Homens e mulheres	15 a 19 anos	Coletivos e individuais	Educação Básica
Stambulova et al.	261	Homens e mulheres	16 anos	Coletivos e individuais	Educação Básica

Foi identificado que os programas de dupla carreira em alguns casos foram baseados em programas nacionais ou foram criados pelas próprias instituições, não sendo possível assim nomeá-los ou separá-los em categorias. Assim, abaixo serão descritas as vantagens e desvantagens colocadas em cada pesquisa que analisou determinado grupo de atletas ou clube.

3.1 DESVANTAGENS

3.1.1 Questões físicas e psicológicas

Gómez et al. (2016) atestam que todos os remadores afirmaram que o remo de alguma forma se tornou uma filosofia de vida motivadora, porém, outros disseram que ao longo de sua carreira esportiva experimentaram estresse, pressão, medo e sobrecarga, especialmente com a chegada de competições e exames escolares, e que isto impacta negativamente na conciliação entre o esporte e a vida acadêmica. Alguns estudantes-atletas também apontaram a dificuldade que têm em isolar os treinamentos da vida acadêmica devido à fadiga acumulada. Eles também argumentaram que, durante os períodos de competições e / ou exames finais, o tempo de lazer torna-se quase inexistente (GÓMEZ et al., 2016). Nos dados de Tshube e Feltz (2015), os atletas pontuaram que a pressão para ter sucesso no

esporte (por governos, federações esportivas, clubes esportivos e patrocinadores) pode levar ao abandono da escola para que o esporte seja priorizado, pois o tempo do esporte não permite espera.

3.1.2 Tempo e flexibilidade

O tempo foi uma variável muito indicada pelos estudantes-atletas. Gómez et al. (2016) apontaram a falta de tempo para estudar e frequentar as aulas e a falta de tempo livre como aspectos negativos. Após uma sessão de treinamento, é difícil ir para a aula, especialmente quando a distância entre o local de treinamento e o centro educacional demanda um deslocamento que consome tempo e outros tipos de esforços. Por todas essas razões, gastar tempo em outras atividades, como aprender um idioma ou iniciar um curso de música, geralmente é algo descartado pelos estudantes-atletas.

Aquilina (2013) afirma que as escolhas dos atletas dependem basicamente de dois conjuntos de fatores. O primeiro deles é inerente ao indivíduo e inclui aspectos como suas percepções gerais sobre educação e esporte de alto rendimento, sua idade, seu momento na carreira (tanto atlético quanto acadêmico), se estão sofrendo lesões de longo prazo ou se estavam desfrutando de um período de significativa conquista esportiva. O segundo conjunto de fatores engloba mais elementos externos e inclui as demandas impostas, tanto pela educação universitária quanto pelo esporte de elite. Entre estes, destacam-se dois fatores importantes: um é vinculado ao fato de que os estudantes-atletas precisam aprender a priorizar seu tempo, enquanto o outro se relaciona mais com os desafios de equilíbrio entre as demandas acadêmicas, esportivas e da vida pessoal e social.

Assim, para ser bem-sucedido em ambas carreiras, os estudantes-atletas entrevistados, no referido estudo, tiveram que encontrar estratégias que facilitassem o modo como administravam suas demandas. A partir dos relatos, percebeu-se que não há simplesmente uma abordagem coerente e nem um padrão que indique como os estudantes-atletas devem priorizar suas tarefas. Alguns entrevistados decidiram dar igual importância a ambas carreiras em todos os momentos, outros deram prioridade a uma carreira em detrimento de outra, sempre que possível, e outros declaram que optaram por continuar mudando de prioridades de acordo com as demandas contingenciais das carreiras.

Stambulova et al. (2014) colocam que os estudantes-atletas foram desafiados pelas novas exigências ao se mudarem para as Escolas Nacionais de Elite de Esportes[1] (RIGs). Os atletas passaram a ter que organizar suas próprias vidas, tendo obrigações de lavar, cozinhar e limpar, por exemplo. Os mesmos ressaltaram que não tinham tempo livre e que estavam cercado pelas mesmas pessoas durante longo período. Uma diferença achada neste estudo foi encontrada entre a priorização do esporte e dos estudos acadêmicos. Os estudantes-atletas que valorizavam mais os esportes eram aqueles que estavam em carreiras esportivas articuladas a um mercado profissional do esporte; em contraposição, os estudantes-atletas que valorizam mais os estudos faziam carreira esportiva em modalidades com menor chance de profissionalização.

De modo geral, os resultados apontam que os estudantes-atletas têm que atender a maiores demandas conforme avançam no esporte e na escola/universidade, e para isso precisam equilibrar a gestão do tempo, alternando na priorização do esporte ou dos estudos, de acordo com as agendas escolares e esportivas. Além disso, aqueles que não contam com apoio social dos treinadores, colegas, familiares, professores e especialistas enfrentam maiores dificuldades. Tshube e Feltz (2015) relataram que a falta de recursos financeiros, ausência de bolsas estudos, falta de serviço de apoio a dupla carreira e a dificuldade de conciliar os horários das atividades escolares e esportivas atrapalham a gestão da dupla carreira. Os autores também destacaram que a falta de apoio institucional representa uma questão-chave negativa, especialmente quando o contexto acadêmico não fornece flexibilidade para ajudar estudantes-atletas a combinar seus compromissos de dupla carreira.

3.1.3 Modalidade e sexo

Os resultados apresentados por Baron-Thiene e Alfermann (2015) apontaram que 37 atletas (29,6%) abandonaram sua carreira esportiva, e 88 (70,4%) atletas

---

[1] Na Suécia, Escolas Nacionais de Elite de Esportes (RIGs – abreviatura em Sueco) abrangem uma política de dupla carreira que facilitam a combinação de esportes e estudos de atletas suecos adolescentes. Criada pela Confederação Sueca de Esportes, as RIGs são locais onde atletas talentosos com idades entre 16 e 18 anos podem praticar esportes, ir à escola e morar no campus. Atualmente, são 51 RIGs atendendo cerca de 6600 estudantes-atletas. Alguns RIGs são específicos para uma modalidade e outros disponibilizam várias modalidades esportivas. Os estudantes-atletas possuem um regime de estudos flexíveis, ajustados ao seu calendário esportivo.

ainda estavam na carreira esportiva. Dos que abandonaram, 31 (83,7%) são de modalidades individuais, sendo 23 (62,1%) mulheres. As queixas físicas foram as maiores causas de desistências. Os dados apontam que os estudantes-atletas que desistiram vivenciaram uma carreira esportiva mais curta do que os não-desistentes, mesmo com idades semelhantes. Ademais, os desistentes apresentaram menor carga horária de treinamento do que os atletas que continuaram suas carreiras. A maior parte dos desistentes praticava esportes de inverno e, talvez, devido à necessidade de instalações esportivas mais distantes (neve e montanhas) fosse mais difícil a conciliação.

Fuchs et al. (2016) salientam que, embora a educação seja um componente importante do indivíduo, independentemente do sexo, as atletas femininas tenderam a priorizar a carreira acadêmica. Um dos motivos levantados pelo autor pode ser o fato de o esporte feminino oferecer oportunidades limitadas de seguir uma carreira esportiva profissional e de o mercado profissional do esporte para as mulheres ser reduzido, se comparado ao mercado para os homens. As mulheres também relataram maior confiança em atender às suas exigências acadêmicas em relação aos atletas do sexo masculino, provavelmente devido ao maior esforço dedicado ao estudo por conta das limitações na carreira esportiva.

Os autores perceberam que os atletas de nível nacional possuem menor impacto negativo de seu envolvimento esportivo nos resultados acadêmicos, enquanto os atletas de nível internacional perceberam dificuldade maior em atender às demandas acadêmicas, fato este provavelmente relacionado a um maior volume de treinamento e intensidade, além de frequentes viagens ao exterior. Além disso, os atletas esportivos individuais relataram um menor apoio da equipe acadêmica, mas uma maior flexibilidade para a adaptação do cronograma da equipe. Como o tipo de esporte determina diferentes demandas para os atletas, pode-se especular que o cronograma de treinamento em esportes coletivos não seja flexível devido ao número de atores envolvidos nas práticas esportivas (por exemplo, jogadores, assistentes, gerentes).

3.2 VANTAGENS

3.2.1 Suporte e flexibilização

Gómez et al. (2016) indicaram que o suporte recebido pelos atletas é percebido como satisfatório pelos colegas de equipe, amigos, familiares e casais. Segundo os autores, o suporte do treinador é a pedra angular dessa compatibilidade, atendendo ao desempenho esportivo sem negligenciar o papel acadêmico que os atletas devem cumprir. Este estudo ainda indica que a maneira pela qual a Universidade gere as várias dificuldades durante o curso tem um impacto significativo sobre a vida dos atletas (falta de assiduidade, mudança de data do exame ou repetição da explicação do conteúdo em um tutorial).

Fuchs et al. (2016) apontam que a capacidade de suportar uma dupla carreira depende, especialmente, do apoio e do suporte da família e dos amigos. Fuchs et al. (2016) destacaram que a implementação de vários serviços – como a flexibilização de exames fora do campus, apoio e compreensão das necessidades dos estudantes-atletas no ambiente acadêmico e esportivo, flexibilização da frequência às aulas, material de estudo on-line, disponibilidade dos professores e cronograma variado de palestras – pode ser crucial para aumentar a eficácia de sua conciliação de dupla carreira.

Gómez et al. (2016) reforçam ser necessária a disponibilidade de um tutor acadêmico para lidar com as diversas questões educacionais com o restante do corpo docente, bem como para exercer uma comunicação com os próprios atletas, o que foi apontado pelos mesmos como de fundamental importância. Stambulova et al. (2014) colocaram que estudantes-atletas apresentaram satisfação nos recursos oferecidos nos RIGs: horário escolar ajustado às demandas esportivas, treinadores e funcionários qualificados, boas condições estruturais e apoio social dentro do grupo. López de Subijana, Barriopedro e Conde (2015) indicaram que os estudantes-atletas inscritos no *Programa de Ayuda al Deportista*[2] (PROAD) foram mais informados que os atletas não inscritos.

---

[2] O *Programa de Ayuda al Deportista* (PROAD), que teve seu início em 2009, tem como foco o aconselhamento individual, levando em consideração suas próprias necessidades, em matéria de educação, emprego e planejamento de carreira através de uma rede de tutores-consultores pelo site www.csd.gob.es. Esse trabalho é realizado individualmente através do site supracitado fornecido pelo Conselho Esportivo da Espanha. O PROAD também faz a ligação entre diversas instituições,

3.2.2 Ambiente e transferência de competências

Aquilina (2013) destaca os fatores ambientais como fundamentais para a conciliação da dupla carreira, caracterizando assim as instituições em que as instalações esportivas e acadêmicas se encontravam próximas ou no mesmo ambiente. Cinco estudantes-atletas franceses que foram treinados no *National Institute of Sport and Physical Education* (INSEP) consideraram seu centro de treinamento de elite como um ambiente "ideal" para poder treinar e estudar simultaneamente, pois o mesmo oferecia oportunidades acadêmicas de qualidade ao lado de programas de treinamento de elite. Os atletas citaram que a proximidade de instalações de treinamento de alto desempenho e salas de aula, tendo um programa acadêmico flexível que leva em consideração as exigências do esporte juntamente, com uma rede de apoio estabelecida de acadêmicos e equipe esportiva, contribuem para o sucesso do gerenciamento da dupla carreira.

Aquilina (2013) aponta os benefícios citados pelos atletas para se ter uma dupla carreira esportiva e acadêmica: a necessidade de focar em mais de um aspecto da vida, o que alivia a pressão simultânea do esporte e do desempenho educacional; a crença de que as habilidades aprendidas em uma área eram transferíveis a outra; estimulação intelectual para acompanhar os desafios físicos de treinamento; a sensação de "equilíbrio" em reconhecer que há mais na vida do que esporte e o conforto social na relação com os colegas; sentir-se mais seguro e, portanto, realizando melhor com a "rede de segurança" de ganhar qualificações adequadas, preparando-se para futuras fases da vida e, em particular, para o pós-carreira esportiva; e o simples fato de poder se desempenhar melhor no esporte com um ambiente acadêmico mais amigável.

Nesse mesmo sentido, Fuchs et al. (2016) revelam que uma relação eficaz, num ambiente cooperativo, entre atletas e equipe esportiva (por exemplo, treinadores, assistentes e gerentes), é um elemento central para apoiá-los na busca de conquistas acadêmicas e esportivas. Stambulova et al. (2014) apresentam que os atletas suecos albergados nas escolas RIGs demonstraram um foco maior na motivação e autoconfiança no esporte e nos estudos. Tshube e Feltz (2015) indicaram que os serviços de apoio de dupla carreira foram fundamentais em

---

agências, organizações e empresas envolvidas de forma direta ou indireta nos processos de dupla carreira.

preparar os ex-atletas na transição de carreira e adaptação para o pós-carreira. Além disso, observaram que os atletas que são capazes de transferir suas habilidades são mais propensos a se adaptar à sua carreira pós-esporte mais rapidamente, por usarem habilidades aprendidas pelo esporte, como trabalho em equipe e resiliência, comuns na prática do esporte de alto nível.

López de Subijana, Barriopedro e Conde (2015) nos mostram que os estudantes-atletas inscritos no PROAD apresentaram níveis acadêmicos mais altos que os atletas não pertencentes ao PROAD, com maiores taxas de conclusão do Ensino Superior e de matrículas em curso de graduação e pós-graduação.

4 DISCUSSÃO

Os programas europeus de gestão das rotinas da dupla carreira se basearam nas dificuldades de organização do tempo de dedicação às obrigações no esporte e na escola. Segundo os Guidelines (2012), as dificuldades para o esporte se apresentaram na medida em que os estudantes-atletas declinavam da continuidade no projeto esportivo em função da formação escolar. A evasão do esporte pôde ser justificada pela maior dedicação às demandas escolares. Com isso, podemos sugerir que, naturalmente, as propostas de conciliação da dupla carreira buscassem a flexibilização do currículo e do tempo escolar para permitir que os estudantes-atletas continuassem sua formação esportiva.

Observemos que as estratégias de mediação da dupla carreira, mesmo após as recomendações dos Guidelines (2012), estão voltadas a mecanismos que buscam a compatibilização do tempo ou do currículo escolar com as demandas do esporte. Pensemos que o caso europeu é singular nesse aspecto, pois estudos anteriores demonstravam uma evasão crescente de atletas do esporte para continuarem frequentando as atividades acadêmicas (AMARA et al., 2004). Talvez, por isso, a preocupação da comunidade europeia seja a de continuar a formação dos atletas e, para isso, busca-se a adequação do currículo escolar àqueles que pretendem investir também na carreira esportiva.

Nos estudos no Brasil, há um elemento contraditório comparado aos casos europeus. Quando tratamos dos atletas das categorias de base no futebol, observamos que esses atletas focam na carreira esportiva e deixam de lado a frequência à escola (MELO, 2010). Ainda que outros estudos apresentem que os

estudantes-atletas de futebol queiram concluir a etapa obrigatória da educação básica, percebemos que a intenção primária está direcionada à carreira do esportista, quando observamos a modalidade de futebol. Percebemos tais características a partir dos estudos que buscaram revelar os projetos individuais, os ambientes e as condições subjetivas em que esses estudantes-atletas realizaram suas escolhas de carreira (ROCHA, 2017).

Apesar do fato de os programas observados na literatura indicarem o esforço para minimizar os problemas da dupla carreira, flexibilizando o currículo e permitindo um ambiente mais propício à formação acadêmica e à formação esportiva, vários obstáculos de gestão são apontados. Entre as desvantagens relacionadas, podemos elencar as seguintes: o estresse, a pressão, o medo e a sobrecarga de trabalho consequentes das rotinas da escola e do esporte, tornando-se um problema para a saúde física e psicológica do estudante-atleta (GÓMEZ et al., 2016; TSHUBE; FELTZ, 2015); a falta de tempo para cumprir as obrigações escolares, mesmo com todo o curricular e estrutural preparado para minimizar o impacto das rotinas no tempo de estudos do estudante-atleta (GÓMEZ et al., 2016; TSHUBE E FELTZ, 2015; AQUILINA, 2013; STAMBULOVA, 2014); as oportunidades de profissionalização no esporte sendo motivo para que os estudantes-atletas decidissem priorizar aquilo que lhe oferecesse um caminho mais rentável (BARON-THIENE; ALFERMANN, 2015; FUCHS et al., 2016). No caso das mulheres, as mesmas priorizam a carreira acadêmica por conta das limitações do mercado esportivo feminino no esporte (FUCHS et al., 2016).

Apesar de iniciativas isoladas, as políticas de conciliação de duplas carreiras ainda estão em um estágio muito inicial nos países membros da EU e apresentam diversos problemas (*Amsterdam University of Applied Science* et al., 2016). Observe-se que muitos dos problemas apontados hoje já estavam presentes em propostas de conciliação da dupla carreira desde a década de 1970. Metsâ-Tokila (2002) apresentou, num estudo de revisão programas da extinta União Soviética, da Suécia e da Finlândia, com início na década de 1970, que desejavam reverter a baixa capacidade do ex-atleta de reconversão das suas experiências esportivas em funções não relacionadas ao esporte, ou até mesmo relacionadas ao esporte (poucos são aproveitados no mercado esportivo), e a rigidez dos currículos escolares do Ensino Médio. Sua conclusão é que a iniciativa desses países foi bem-sucedida ao criarem escolas especializadas com currículos adequados e

flexibilizados para atender às demandas específicas do esporte de alto rendimento para os jovens com qualidade de formação escolar. Metsâ-Tokila (2002) ainda menciona que tais escolas foram bem-sucedidas quando receberam suporte das federações esportivas.

Na Finlândia, novas escolas vocacionadas foram sendo criadas com a premissa de apresentar uma flexibilização do currículo escolar para os estudantes-atletas, mas, para garantir condições igualitárias, o tempo de permanência no Ensino Médio foi alongado em mais um ano, mantendo, assim, uma qualidade na formação. A educação acadêmica também se torna fundamental para reconversão dos ex-atletas em outras formas de inserção no mercado esportivo ou no ordinário.

Christensen e Sorensen (2009) apresentaram as tensões entre prática esportiva e educação na Dinamarca. O Programa nomeado *Team Danmark* oferecia aulas especiais com menos horas e um menor número de aulas por semana, priorizando maior tempo para a rotina de treinamento. No entanto, os autores afirmaram que a disponibilidade do programa em apenas algumas escolas causava cansaço físico, devido ao deslocacamento dos estudantes-atletas para as instituições de mediação das carreiras. De um modo geral, o programa não obteve sucesso.

Na Holanda, foi fundada em 1991 uma escola (*Topsport Talent Schools*) para que atletas talentosos pudessem conciliar a formação esportiva com a escolar. Rens, Elling e Reijgersberg (2012) investigaram o efeito desta escola na formação dos atletas. Os resultados desse estudo indicaram que a escola não melhorou os níveis esportivos, os atletas não ficaram satisfeitos com a conciliação da escola e do esporte, e tampouco ficaram mais motivados para o esporte. O estudo apontou que a conciliação entre a escola e a formação de atletas de alto rendimento apresenta problemas e carece de uma avaliação mais aprofundada sobre as suas possibilidades e limitações.

Entre as vantagens relacionadas, podemos indicar as seguintes: o suporte acadêmico dos tutores e a flexibilização de exames fora do campus, alteração de datas de exames, apoio às necessidades dos estudantes-atletas no ambiente acadêmico e esportivo, flexibilidade na frequência às aulas, material de estudo on-line e disponibilidade dos professores (GÓMEZ et al., 2016; FUCHS et al., 2016; STAMBULOVA et al., 2014; LÓPEZ DE SUBIJANA; BARRIOPEDRO; CONDE, 2015); A proximidade entre as instalações de treinamento de alto desempenho e as

salas de aula facilita a conciliação entre as duas carreiras junto a um programa acadêmico flexível que leve em consideração as exigências do esporte (AQUILINA, 2013; FUCHS et al., 2016; STAMBULOVA et al., 2014; TSHUBE; FELTZ, 2015; LÓPEZ DE SUBIJANA; BARRIOPEDRO; CONDE, 2015).

Ainda tratando das vantagens demonstradas nos estudos sobre os programas de mediação da dupla carreira do estudante-atleta, destaca-se a adoção de ambientes acadêmicos acolhedores às demandas do esporte. Para isso, pensou-se em diminuir o deslocamento entre as instalações esportivas para o alto rendimento e as salas de aula. Além disso, buscou-se aproximar os estudantes-atletas da equipe esportiva, como treinadores, assistentes e gerentes, permitindo o diálogo franco e aberto, tornando a relação entre eles mais eficaz no sentido de resolver os problemas inerentes à dupla carreira.

Apesar da existência de programas de conciliação da dupla carreira na Europa, podemos observar que os resultados de lá são semelhantes ao que observamos nas pesquisas no Brasil. Melo (2010) apresentou que estudantes-atletas de futebol no Estado do Rio de Janeiro tinham dificuldade de conciliação das rotinas da dupla carreira, muitas vezes consequente da falta de estrutura para o deslocamento e pela concorrência entre o tempo do esporte e o tempo da escola. Da mesma forma, Costa (2012), Romão (2017) e Costa e Silva (2016) também demonstraram resultados parecidos. A partir dessa comparação, podemos entender que as dificuldades de conciliação da dupla carreira, independentemente de programas de mediação dessa relação, são quase sempre as mesmas.

A crítica que podemos começar a tecer sobre esse tema foi sinalizada na tese de Rocha (2017), quando o autor indicou uma tendência de investigações que colocavam o esporte como uma variável de impacto na rotina escolar. Com isso, o autor mencionou que, embora relevantes para entender parte do fenômeno da dupla carreira, as pesquisas que tratavam sobre esse tema produziram um certo viés que, tencionado, sugere como mecanismo de solução a flexibilização do currículo escolar para que a conciliação da dupla carreira seja possível. Rocha (2017, p. 19) escreveu que

> Ao ser colocado o esporte como variável que afetaria a dedicação à escola, haveria o risco de ignorar as condições para que o investimento acentuado na carreira esportiva fosse estabelecido. Ademais, seria destacada a premissa de que os jovens atletas em dupla carreira buscariam alcançar um projeto de carreira voltado para a profissionalização no esporte. Porém, o desenrolar das pesquisas no LABEC começaram a mostrar que tal premissa

> não poderia ser vista como verdadeira em casos nos quais a modalidade esportiva não apresentava um mercado profissional cujas oportunidades não seriam oferecidas a todos os atletas. Isso, também, não colaboraria a fim de explicar casos europeus nos quais os jovens desistiam e desistem da carreira esportiva em função da formação acadêmica.

A preocupação dos programas de mediação da dupla carreira na Europa e em outros países está focada numa gestão objetiva da formação do estudante-atleta. Observe-se que todas as medidas adotadas pelos programas retratados na literatura investigada indicam apenas as condições objetivas (tempo, espaço, apoio) para o atleta se desenvolver no esporte e na vida acadêmica. Todavia, os estudos analisados não problematizam as dimensões subjetivas dos atletas em relação às expectativas escolares, esportivas e de futuro após as carreiras. Com isso, consideram apenas a administração do tempo e as maneiras de organizar as grades curriculares e de treinamento no tempo diário do estudante-atleta.

Podemos indicar premissas subjetivas que não estão sendo levadas em conta na relação da dupla carreira, por exemplo, a condição para a formação do projeto individual de carreira, as condições sociais e as percepções sobre as oportunidades no esporte e na escola. Os estudos no Brasil estão caminhando nesse sentido e vêm apresentando resultados significativos para a compreensão da dedicação à dupla carreira.

Consideram-se relevantes os aspectos subjetivos de formação dos projetos em dupla carreira, uma vez que podemos encontrar sentidos atribuídos pelos sujeitos às oportunidades no esporte ou na escola que não estão restritos à organização do tempo e das obrigações diárias. Por exemplo, Rocha (2013, 2017) e Correia (2014, 2018) buscaram entender como se dá o processo de investimento na carreira esportiva, em detrimento da carreira escolar. Os resultados apresentados nos trabalhos dos autores mostraram que as condições familiares, socioeconômicas e percepções subjetivas sobre o mercado de oportunidades na escola e no esporte têm forte influência na formação do projeto de carreira e no grau do investimento do estudante-atleta. Os autores indicaram que é a intensidade do investimento no projeto de profissionalização no esporte que impacta no tempo de escolarização.

Pensemos que a gestão das características objetivas da dupla carreira passa pela forma como os estudantes-atletas encaram os dois projetos de formação. Com isso, podemos compreender os motivos intrínsecos que levaram muitos dos estudantes-atletas a priorizar, no contexto europeu, possivelmente, a formação

escolar. Por outro lado, imaginando que as oportunidades escolares sejam distribuídas de forma desigual no Brasil (RIBEIRO, 2009; 2011), o investimento na carreira esportiva pode ser uma saída para aqueles que possuem talento reconhecido para o esporte e não vislumbram caminhos exitosos pelas vias escolares.

Por fim, podemos sugerir que as pesquisas sobre dupla carreira devem investir em questões que envolvem o processo de formação dos projetos de carreira do estudante-atleta. Dessa forma, podemos compreender mecanismos subjetivos que levam às consequências combatidas pelos programas de mediação da dupla carreira, a fim de pensar estratégias mais eficazes para esses modelos de conciliação da dupla rotina de formação.

CAPÍTULO III

JORNADA ESCOLAR VERSUS TEMPO DE TREINAMENTO: A PROFISSIONALIZAÇÃO NO FUTEBOL E A FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA[3]

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é produto de uma investigação realizada junto a atletas das categorias de base dos clubes de futebol no Estado do Rio de Janeiro. A motivação para a pesquisa partiu da hipótese presente no senso comum, a saber: jogadores de futebol têm poucas oportunidades de frequência à escola, devido à rotina de treinamento e competições regulares dos campeonatos estaduais, regionais, nacionais e, em alguns casos, internacionais. A partir desta afirmativa, pensamos que o investimento simultâneo na dupla carreira, de atleta e de estudante, as quais ambas exigem tempo e dedicação para um bom desempenho, pode levar o indivíduo a priorizar uma carreira em detrimento da outra.

Com base em Borggrefe e Cachay (2012), tomamos o conceito de “dupla carreira” considerando que tanto o esporte quanto a escola são instituições que exigem que o ator social passe por diferentes fases e aprendizagens até ser considerado apto para exercer seu papel social em cada etapa das carreiras dessas respectivas instituições. Aquilina (2013) ressalta a necessidade dos atletas de possuir uma dupla carreira, pois são poucos os atletas de alto rendimento que são recompensados financeiramente e que conseguem reconverter suas experiências esportivas pregressas em ocupações no mercado do esporte.

A seleção para o ingresso nas categorias de base de futebol se inicia precocemente e, muitas vezes, acontece antes mesmo dos 12 anos de idade (DAMO, 2007). Um dos meios mais populares de recrutamento, conhecido como “peneira”, em geral, frustra as expectativas de um enorme contingente de jovens aspirantes à profissionalização no futebol. As estimativas indicam que menos de 1%

---

[3] Uma versão desse artigo foi publicada na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.

dos candidatos pretendentes a uma vaga no “mercado da bola” consegue alcançar seu objetivo (TOLEDO, 2002). Por exemplo, em 1995, dos 3500 jovens que se aventuraram no processo seletivo do São Paulo Futebol Clube, apenas cinco foram aproveitados (TOLEDO, 2002). Treze anos mais tarde, apenas dois jovens foram selecionados entre os 1000 candidatos, de todo Brasil, presentes na peneira do Clube de Regatas Flamengo (OLHEIROS VIRTUAIS, 2009).

Muitos são os exemplos semelhantes a esses supracitados e, independentemente do intervalo de tempo, a realidade é a mesma: poucos conseguem ingressar nas categorias de base dos principais clubes do futebol brasileiro. Todavia, o acesso às equipes de base dos clubes não se dá apenas por essa forma universal, pois existem outras possibilidades de ingresso através de observadores, vinculados ou não aos clubes, que saem em busca de potenciais atletas em torneios de bairro, de escolas e nos clubes periféricos ao mercado.

Destaque-se que a busca dos jovens do sexo masculino por uma vaga no mercado do futebol não corresponde às oportunidades oferecidas. O mercado profissional do futebol no Brasil tem um número de postos de trabalho limitado. O Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (SAPESP) estimou que 20% dos atletas sindicalizados, em 2009, encontravam-se em situação de desemprego. Comparando com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no mesmo ano, o percentual de desempregados no Brasil atingia 8,8 pontos (in 4ª DIVISÃO, 2009). Dados de 2013 do SAPESP indicaram que cerca de 30% dos quase 4000 jogadores do Estado de São Paulo encontravam-se em situação de desemprego em abril de 2013. Esses dados ficam alarmantes quando comparamos com a taxa de desemprego do DIEESE, que apontou 11,3% de desempregados para a população economicamente ativa no mesmo período. O número de posto de trabalhos vem diminuindo com a extinção de clubes disputando campeonatos oficiais. Damo (2007) estimou em 800 o número clubes de futebol credenciados às subsidiárias da FIFA. Em 2009, o número de clubes caiu para 734 (PLURI CONSULTORIA, 2013). Em 2013, o número de clubes disputando competições oficiais chegou a 654 clubes (PLURI CONSULTORIA, 2013) Houve, portanto, uma redução de 146 clubes em apenas seis anos. Além da diminuição dos postos de trabalhos, os jogadores enfrentam problemas de um calendário sazonal, que não contempla a maioria dos clubes brasileiros.

Diante desses dados, a situação dos jogadores de futebol pode ser ainda mais precária. De acordo com a Pluri Consultoria (2013), no ano de 2013 havia 12888 jogadores registrados na CBF. No entanto, apenas cerca de 2579 possuíam contratos com duração prevista para toda a temporada. Os outros 10309 jogadores tinham seus contratos de trabalho com a data de término firmada concomitantemente ao fim das competições estaduais – cerca de quatro meses. Os dados acima apontam que quase 80% dos jogadores no Brasil ficam sem clube a partir do fim dos campeonatos estaduais ou precisam buscar clubes no exterior. Com o fim dos campeonatos estaduais, somente as equipes que disputam uma das quatro divisões nacionais se mantêm ativas para o resto da temporada, ou seja, apenas 100 clubes. Tal fato faz com que esses indivíduos dividam sua rotina de treinamento e competições com outras ocupações ordinárias no mercado de trabalho, para garantirem sua sobrevivência (In 4º DIVISÃO, 2009).

A pirâmide salarial do futebol brasileiro é outro indicador que põe à prova as condições de mobilidade social e econômica pretendidas com esse esporte. Em 2009, cerca de 84% dos atletas profissionais recebiam até R$ 1000,00; 13% tinham ganhos entre R$ 1000,00 e R$ 9000,00; e 3% obtiveram vencimentos mensais acima dos R$ 9000,00. Esses dados não sofreram mudanças significativas desde meados da década passada (4ª DIVISÃO, 2009; HELAL; SOARES; SALLES, 2005). Observemos que, para a maior parte dos casos, estamos diante de salários que podem estar aquém das aspirações e dos modelos midiáticos de atletas do futebol. Por essa razão, questionamos: como ocorre a gestão e a organização da rotina e do tempo de dedicação ao esporte e à escola?

O objetivo do presente estudo é analisar o tempo dedicado à formação profissional no futebol e à educação básica, comparando os dados entre os jovens atletas das categorias de base dos clubes da cidade do Rio de Janeiro e das instituições esportivas fora da capital fluminense.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados foi feita em 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2009. Realizamos entrevistas estruturadas no sentido de entender como os atletas de duas categorias de base dos clubes de futebol do Estado do Rio de

Janeiro destinavam tempo às atividades de profissionalização[4] no esporte e na formação escolar. O roteiro foi elaborado a partir das categorias que tratavam sobre a dedicação aos treinamentos, à escola e aos dados de origem familiar. Neste estudo, concentramo-nos em analisar os dados sobre o tempo gasto pelos atletas nas atividades relacionadas ao futebol e à escola. Deste modo, comparamos os resultados de acordo com a localização dos clubes, a saber: a) clubes instalados na capital do Estado do Rio de Janeiro e b) clubes fora da capital fluminense.

A amostra foi composta por 228 atletas, sendo 119 da categoria sub-17 e 109 da categoria sub-20. Utilizamos nesse estudo o método não probabilístico casual para a seleção da amostra. Observamos que os clubes do Rio de Janeiro estão no centro do mercado de formação profissional de atletas de futebol no Brasil. A distribuição dos clubes por localização geográfica ficou da seguinte forma: a) 10 clubes da capital do Estado do Rio de Janeiro e b) 9 clubes de fora da capital fluminense.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As entrevistas foram agendadas diretamente com os responsáveis pelo clube. A seleção dos atletas respondentes foi feita aleatoriamente e garantimos o direito de liberdade de escolha para a realização da entrevista e o anonimato aos jovens. As entrevistas foram realizadas em contato direto com os atletas, durante ou após os treinamentos, de acordo com as possibilidades dentro de cada clube.

2.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Os dados foram tratados a partir de uma análise descritiva com cálculo de média e desvio padrão, complementadas – quando necessárias – ao cálculo de prevalência. Os indivíduos foram agrupados por categoria (sub-17 e sub-20) e turno

---

[4] Entendemos profissionalização como os processos de formação que visam à entrada num determinado mercado para exercer uma função especializada com possibilidades de retorno financeiro. O profissional é aquele que detém um saber especializado no mercado de trabalho.

escolar (manhã, tarde e noite). Para a análise dos dados observados foi construída uma planilha no programa Microsoft Excel e a análise estatística foi feita no programa SPSS5 para Windows (versão 23.0).

2.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Gama Filho e aprovado (processo CAEE – 0012.0.312.312-07 e Parecer 017.2007). As entrevistas foram feitas mediante a permissão e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3 RESULTADOS

No sentido de entender como o futebol pode exercer influência nas escolhas das estratégias de escolarização, tomamos como variável de análise a administração dos tempos gastos com o esporte e com a escola. Partimos do pressuposto de que a administração do tempo na rotina diária desses jovens pode ser um indicador das prioridades e escolhas que atletas e suas famílias realizam no processo de conciliação entre a escola e o futebol.

Tabela 1 – Tempo Semanal dedicado ao Futebol e à Escola

		Clubes da capital		Clubes de fora da capital	
Variável		Tempo de Treino	Jornada Escolar	Tempo de Treino	Jornada Escolar
Sub-17	X	15:20:42	17:56:12	14:38:38	21:41:49
	DP	02:41:59	06:19:53	03:37:03	05:03:08
Sub-20	X	14:57:37	17:25:50	12:57:43	19:15:46
	DP	02:49:18	04:47:15	02:11:40	03:41:50

X = média; DP = Desvio padrão

[5] *Statistical Package for the Social Sciences*.

Na Tabela 1, encontram-se descritos o tempo médio semanal dedicado aos treinamentos e à escola. Percebemos que há uma grande diferença na jornada escolar dos atletas dos clubes de fora da capital em relação àqueles jovens jogadores dos clubes da capital do Estado na categoria sub-17. A diferença entre as jornadas escolares totaliza 3 horas e 45 minutos. Os atletas da capital do sub-17 possuem uma jornada escolar semanal de 17 horas e 56 minutos, enquanto que os atletas de fora da capital alcançam a jornada escolar de 21 horas e 41 minutos, tais dados nos mostram que os atletas dos clubes da capital teriam, em média, o equivalente a um dia de aula6 a menos na semana em relação aos demais atletas.

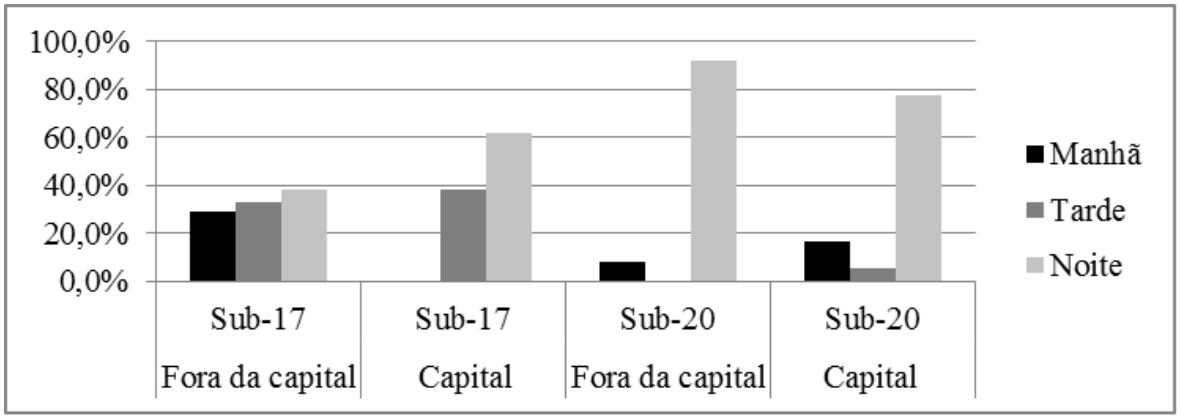
Na categoria sub-20 a discrepância entre as médias das jornadas escolares é menor. Quem está na capital, nos principais clubes do Estado, em média estuda 1 hora e 49 minutos menos por semana do que os atletas que jogam nos clubes fora da capital. Observemos que essa diferença é menor que a percebida na categoria sub-17. Todavia, não podemos descartar tal fato, uma vez que ele possa representar a opção do jovem em escolher uma instituição de ensino que tenha um tempo de estudos compatível com sua rotina de atleta.

Os atletas da categoria sub-17 dos clubes localizados fora da capital fluminense estão distribuídos quase que igualmente nos três turnos escolares (Figura 1). Nos clubes da capital, a distribuição ocorre somente nos turnos vespertino e noturno. Portanto, a variação observada na jornada escolar pode ser explicada pela diferença no tempo exigido em cada um dos turnos. O mesmo fato acontece na categoria sub-20, ainda que o desvio padrão verificado seja um pouco mais brando.

---

[6] Se considerarmos o tempo de aula igual a 50 minutos, indicamos que 3 horas e 45 minutos representariam cerca de 4 tempos de aula. Porém, indicamos que um percentual da amostra (60,5%) estuda no período noturno, quando o tempo de aula é de 40 minutos. Portanto, a perda semanal totaliza 5 tempos de aula na semana.

Figura 1 – Distribuição percentual do turno de frequência à escola por categoria



4 DISCUSSÃO

Pensemos que a jornada escolar semanal dos alunos não atletas do Rio de Janeiro – com faixa etária entre 15 e 17 anos – é de 23 horas e 30 minutos (NERI, 2009). Neri (2009) descreveu que o tempo dedicado à escola pode ter impacto direto na proficiência dos jovens nos testes padronizados, a saber: ENEM[7] e SAEB[8]. Com isso, verificamos que a baixa jornada escolar dos atletas em relação aos alunos não atletas do Rio de Janeiro, possivelmente, colocá-los-ia em posição de desvantagem nos resultados dos testes supracitados. Por exemplo, o ENEM é tomado como forma de acesso às universidades públicas em todo país. A partir de 2012, a maioria das universidades federais passou a utilizar o desempenho neste teste como forma de seleção dos candidatos (MONZANI; SMOSINSKI, 2012). Essa medida nos fornece um parâmetro para entendimento das possíveis dificuldades que os jovens atletas de futebol podem enfrentar para obtenção de credenciais educacionais satisfatórias para ocupações no mercado de trabalho fora do meio esportivo.

Esse fato se agrava quando as políticas de estado no Brasil pouco contemplam o que Borggrefe e Cachay (2012) chamam de “dupla carreira”, formação no esporte e na escola. Aqui, como em muitos outros países, não existe uma interação entre o sistema educacional e o sistema esportivo, ficando assim a cargo do estudante e atleta encontrar uma forma de administrar essas duas carreiras.

---

[7] Exame Nacional do Ensino Médio.
[8] Sistema de Avaliação da Educação Básica.

O alto investimento de tempo no esporte, em contraponto com a jornada escolar, pode indicar ainda uma estratégia de consolidação do projeto de vida desses atletas. Pensemos que o sistema educacional brasileiro carece de atenção para as questões de qualidade e equidade da educação. Ora, vejamos: no estudo sobre desigualdades de oportunidades no sistema educacional brasileiro, Ribeiro (2009; 2011) destacou que, apesar da contínua expansão do acesso à educação, esse estímulo foi acompanhado pela perpetuação das desigualdades entre jovens de diferentes níveis socioeconômicos, com clara desvantagem para aqueles que estão nos estratos sociais mais baixos.

Cardoso (2013) indicou, ao analisar os dados do Censo de 2000 e de 2010, que tem aumentado a probabilidade dos jovens brasileiros, das camadas mais pobres, de estar na condição de quem não estuda e nem trabalha ou procura emprego. Nesse caminho, acreditamos que a escola pode desestimular uma parcela da juventude que identifica que os prêmios oferecidos por ela não serão alcançados por todos. Logo, podemos imaginar que os jovens com baixa expectativa na escola buscam outros caminhos de profissionalização simultâneos ou paralelos à escola.

A desvantagem observada para os atletas pode ser relativizada se compararmos as diferenças entre os dados referentes aos atletas dos clubes da capital e fora da capital com os resultados dos alunos não atletas. Para a categoria sub-17, teremos a seguinte configuração: a jornada média semanal dos alunos atletas – vinculados aos clubes da capital – é reduzida em 5 horas e 33 minutos em relação aos alunos não atletas do Estado do Rio de Janeiro; a mesma comparação – referente aos alunos atletas dos clubes de fora da capital – indica que a diminuição da jornada escolar é de 1 hora e 48 minutos. Tal fato mostra que os atletas dos clubes da capital podem ter um prejuízo maior na escolarização em relação aos demais atletas. Ao mesmo tempo devemos também entender que os atletas que estão na capital possuem, em função da posição de seus clubes no mercado de futebol, mais chances de profissionalização nesse esporte. Esse fato sugere que os atletas dos clubes da capital talvez secundarizem a escolarização em função da pressão e das chances que possuem na carreira esportiva nos clubes mais valorizados no mercado.

Por outro lado, a prioridade de dedicação a uma carreira em detrimento da outra pode ser expressa pela proporção que a jornada de treinamento representa frente à jornada escolar. Na Tabela 1, podemos ainda observar que, em ambas as

categorias (sub-17 e sub-20), a jornada de treinamento é menor que a jornada escolar. Nos clubes localizados na capital do Estado do Rio de Janeiro, a proporção da jornada de treinamento em relação à jornada escolar equivale a 85% aproximadamente; nos clubes fora da capital, esse percentual atinge próximo aos 67 pontos. Isso, possivelmente, indicaria que os atletas das categorias de base de futebol dos clubes localizados na capital tendem a se dedicar mais à profissionalização no esporte em tela, pois são os clubes com maiores recursos financeiros e infraestrutura. Cabe lembrar que a prioridade dada à profissionalização e as dificuldades de obtenção de credenciais educacionais poderão criar problemas no futuro para aqueles que forem malsucedidos no esporte (SOUZA et al., 2008).

Outro dado a ser analisado diz respeito ao desvio padrão encontrado para as jornadas de treinamento e à jornada escolar. Principalmente na categoria sub-17, observamos que o desvio padrão para a jornada escolar é de 6 horas e 19 minutos para os atletas dos clubes da capital; e 5 horas e 3 minutos para os demais atletas. As diferenças entre as médias da jornada escolar declaradas pelos atletas e o tipo de valores discrepantes apontados pelo cálculo do desvio padrão indicam que, para além do reduzido tempo da jornada escolar brasileira, as escolas não possuem uma cultura padronizada que garanta o cumprimento da jornada escolar estabelecida em termos legais[9]. Possivelmente, a explicação para a variância exagerada passe pelo turno frequentado pelos atletas, como está descrito na Figura 1.

Um dado relevante a ser notado na distribuição dos atletas por turno escolar é a diferença encontrada entre os clubes da capital e os de fora dela. Verificamos que os atletas dos clubes da cidade do Rio de Janeiro têm maior incidência de frequência aos turnos da tarde e da noite. Observamos que os atletas passam a estudar na escola noturna em função das demandas do futebol nessa fase da formação que é composta de duas jornadas de treino por dia ou com alternância desses turnos.

Como é sabido o ensino noturno na educação básica tem, em geral, menor qualidade que o diurno (TOGNI; SOARES, 2007). Neste caso, os atletas ficam à mercê dos contratos e rotinas estabelecidas pelo clube, de modo que esse fato

---

[9] De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996) a carga horária do ano letivo é de 800 horas, divididas em pelo menos 200 dias. Sendo assim, o tempo mínimo diário para a jornada escolar seria de 4 horas (BRASIL, 1996).

acaba por empurrá-los para o ensino noturno, e, como já dito, esse turno apresenta menor qualidade que a escola diurna (CORROCHANO, NAKANO, 2002).

Observamos diferenças marcantes entre o tempo de dedicação à escola e aos treinamentos comparando os jovens atletas dos clubes da capital com aqueles que atuam em agremiações localizadas fora da cidade do Rio de Janeiro. Tal fato sugere que os atletas da capital fluminense priorizam a formação profissional no esporte de modo mais intenso que os demais atletas, provavelmente, em função de estarem atuando em clubes de maior prestígio, com rotinas mais rigorosas de treinamento e com alto grau de competição entre os candidatos a um posto no futebol profissional.

A alta proporção do tempo de treinamento frente à jornada escolar pode indicar uma concorrência entre essas agências de formação profissional (esporte e escola) ou entre essas carreiras. Outro dado que nos leva a pensar nesta hipótese é a dispersão exagerada do tempo dedicado à escola. Esse indicador pode nos mostrar algumas incidências, a saber: a) a baixa jornada escolar; b) a dificuldade que as instituições de ensino têm para o cumprimento de um padrão equivalente às exigências legais; c) a falta de responsabilidade dos clubes em suprir educação de qualidade para esses jovens aprendizes ou aspirantes a trabalhadores do esporte; d) a falta de controle do Estado sobre essas empresas do esporte (clube, empresários e empresas) que empregam esses jovens no mesmo momento em que estão cursando a educação básica, e sobre o funcionamento das escolas no cumprimento da jornada escolar padrão.

O trânsito em direção ao ensino noturno pode sugerir que o período da noite se torne uma opção para compatibilizar o futebol com a escola, devido às exigências progressivas de dedicação à carreira esportiva. Os dados sugerem que os clubes da capital exigem mais dos seus atletas a ponto de a distribuição deles pelos turnos escolares ser mais desequilibrada em relação à mesma variável verificada nos demais clubes fora da capital. Como já argumentamos, o ensino noturno possui um tempo de aula inferior ao diurno e a literatura aponta para a inadequação do currículo escolar para os alunos trabalhadores, sejam aqueles envolvidos com o esporte ou com profissões ordinárias.

5 CONCLUSÃO

O tempo gasto com a formação no futebol pode criar dificuldades para uma vida escolar dedicada e para uma formação cultural de qualidade. Os dados desse estudo sugerem que a formação no futebol se torna prioridade em relação à escola em função dos desejos dos atletas que buscam a profissionalização. Isso parece óbvio, mas esse desejo só ganha conformidade se entendermos a configuração em que se encontra o tipo de atleta aqui estudado.

Um dado do contexto é o tipo pressão que a rotina de formação esportiva impõe ao atleta. Por exemplo, os clubes da capital fluminense, centro do mercado da formação de jogadores de futebol no estado, parecem empurrar seus atletas para o ensino noturno. Com isso, esses atletas, que estão na fatia mais valorizada do mercado e com mais chances de profissionalização, administram a dupla carreira estudando à noite, provavelmente, em função da rotina mais rígida de formação nos clubes da capital. Esse fato leva os atletas que estão nesses clubes da capital a terem uma jornada escolar inferior em função do turno escolar. Os indícios desse estudo e de outros, no cenário nacional e internacional, sugerem que quanto maiores as chances de profissionalização no esporte de alto rendimento, menores se tornam as possibilidades de dedicação à escola (BORGGREFE E CACHAY, 2012; SOARES et al., 2013; CHRISTENSEN, SORENSEN, 2009; AQUILINA, 2013; HICKEY, KELLY, 2008).

No caso específico dos atletas de futebol no Rio de Janeiro, Melo (2010) indica que o clube de futebol é pouco flexível em relação às exigências escolares. Em contraposição, vários atletas declararam que negociam junto aos professores e aos diretores de suas respectivas escolas as faltas e as remarcações de provas e tarefas em função das demandas do clube. Os atletas declaram que podem viajar até por um mês quando estão em competições internacionais. Assim, temos uma escola flexível diante dos clubes inflexíveis. Isso é um dado do contexto que informa àqueles que desejam se tornar atletas de futebol profissional qual deverá ser a prioridade.

Se a educação básica oferece poucas chances de inserção na parte do mercado de trabalho bem remunerada – dada a disfuncionalidade do ensino médio propedêutico em garantir uma qualificação específica –, a decisão de tentar prioritariamente a carreira nos gramados e, em paralelo, conseguir a certificação do

ensino médio, pode ser vista como algo razoável no contexto da vida desses jovens. Devemos, pois, ter consciência de que a qualidade da escola no Brasil e as oportunidades de formação cultural e profissional para a juventude nessa instituição, talvez, apenas auxiliem a potencializar as apostas na carreira do futebol.

CAPÍTULO IV

ESPORTE E ESCOLA: UMA ANÁLISE SOBRE A CONCILIAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A ESCOLARIZAÇÃO DE ATLETAS INSERIDOS NA CATEGORIA ESTUDANTIL DO PROGRAMA BOLSA ATLETA

1 INTRODUÇÃO

A formação profissional de jovens no esporte tem recebido pouca atenção no campo de estudos da educação e das ciências sociais. Além disso, esse tema também não tem sido objeto de debate e reflexão nas políticas públicas de esporte, educação e formação para o trabalho (ROCHA, 2017; CORREIA. 2018). Por esse motivo, o presente artigo objetivou analisar os modelos de conciliação das rotinas na dupla carreira, esportiva e escolar, no Programa Bolsa Atleta do Governo Federal, com estudantes-atletas contemplados pelos resultados obtidos no ano de 2011[10]. Destacamos que esses jovens foram indicados ao benefício governamental por obterem excelente desempenho esportivo nas competições estudantis.

Evidenciamos que o Programa Bolsa Atleta foi uma iniciativa do Governo Federal implementada no sentido de subsidiar atletas que ainda não foram contemplados com recursos do mercado esportivo. Esse incentivo buscou permitir que atletas de várias categorias e modalidades esportivas pudessem se dedicar quase que exclusivamente ao esporte, não desempenhando funções laborais além da rotina de treinamento e competições. Com isso, percebemos a necessidade de observar e responder: como os jovens atletas beneficiados pelo subsídio governamental adequam suas rotinas para atender às demandas do esporte e da escola?

A justificativa dessa pesquisa se ampara nos estudos realizados até o momento sobre as questões inerentes aos estudantes-atletas que se dedicam a uma dupla carreira. As pesquisas sobre escolarização de atletas no Brasil não encontraram um padrão de estratégias para a conciliação das rotinas de

---

[10] Os dados utilizados neste artigo fazem parte do banco de dados do LABEC-UFRJ, do projeto “Esporte e escola: uma análise sobre conciliação entre a formação profissional e a escolarização de atletas inseridos na categoria estudantil do programa bolsa atleta”. O projeto contou com auxílio financeiro da FAPERJ e do CNPq.

treinamento, competições e estudos (ROCHA, 2017). No cenário internacional, os estudos realizados, principalmente na Europa, também ficaram limitados à apresentação de estratégias que flexibilizavam o currículo escolar para a compatibilização da dupla carreira no esporte e na escola (BORGGREFE, CACHAY, 2012; CHRISTENSEN; SÖRENSEN, 2009; HENRY, 2010; MERIKOSKI, 2015).

Há uma espécie de direcionamento nas pesquisas nacionais e internacionais sobre o investimento na dupla carreira que desloca a responsabilidade da conciliação de ambas as rotinas para ajustes nas estruturas da escola. Ainda assim, percebeu-se que o cansaço físico motivado pela árdua rotina de treinamento é justificativa dada pelos atletas para as dificuldades enfrentadas para atender às demandas da educação básica. Neste sentido, sabemos que a escola, embora seja um ideal normativo, possui uma formatação pedagógica e uma carga de disciplinas pouco estimulante para os alunos (NERI, 2009; SCHWARTZMAN, 2011; 2016).

Os resultados obtidos nas pesquisas de Melo (2010), Soares, Rocha e Costa (2011), Soares et al. (2013) e Rocha (2013) mostraram que os jovens atletas estabelecem estratégias – através de acordos tácitos entre escola, dirigentes e família – as quais visam facilitar a sua permanência na escola e favorecer a profissionalização no esporte. Os autores argumentaram que o nível socioeconômico, o status ocupacional da família e o valor atribuído à educação podem explicar melhor a inclinação para uma carreira de rápido acesso ao mercado de trabalho e baixo investimento nos bancos escolares.

O esporte nem sempre é encarado como trabalho para os estudantes-atletas. Embora as leis nacionais permitam que os jovens em idade escolar estabeleçam algum vínculo empregatício, as mesmas descrevem que a rotina de trabalho não pode interferir na sua rotina escolar (BRASIL, 1943; 1990; 1996).[11] Todavia, Rocha (2017) e Correia (2018) apontaram a ausência da figura jurídica do jovem atleta na legislação referente ao trabalho, à educação e ao esporte. A inexistência da figura do estudante-atleta como um trabalhador do esporte na legislação brasileira cria um contexto de insegurança no sentido do atendimento e das garantias do cumprimento dos direitos fundamentais desses jovens, como o de acesso e permanência na

---

[11] Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996; Consolidação das Leis de Trabalho – CLT, Lei nº 5.452 de 1 de maio de 1943; e Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.

escola, por exemplo. Tais garantias só podem ser analisadas a partir de analogias entre várias leis e são dependentes do poder discricionário do juiz (ROCHA, 2017).

Ainda que haja a obrigatoriedade de os clubes manterem os estudantes-atletas frequentando a educação básica, o trabalho no esporte possui características próprias e diferentes do trabalho no mercado ordinário. No esporte, tem-se a necessidade de viagens e afastamentos esporádicos das obrigações escolares motivados pelo exercício da função de atleta. Todavia, a escola não possui nenhum amparo legislativo que faça recomendações de como agir nessas situações, como há para outros casos, como os de licença maternidade das estudantes que engravidam ou o afastamento da rotina escolar por enfermidades infectocontagiosas (ROCHA, 2017). A partir dessa condição, verifica-se que as demandas específicas da carreira de esportista podem não ser plenamente atendidas, visto que sua situação de trabalhador do esporte difere da de outros estudantes não-atletas.

A profissionalização no esporte possui situações específicas que não estão previstas na legislação brasileira. Os critérios de conciliação da dupla carreira são estabelecidos sem nenhuma regulação entre clubes, atletas, famílias e a própria escola. Na Europa, percebemos a preocupação com a dupla carreira, pois, a Comissão Europeia publicou em 2007 o "*White paper on sports: The societal role of sports*", que, dentre outros pontos, enfatiza a importância da dupla carreira para os jovens atletas, com intuito de assegurar a inserção no mercado de trabalho ao final das suas carreiras esportivas (EUROPEAN COMMISSION, 2007). Dado o papel crucial que o esporte possui junto aos atletas de alto rendimento, raramente ele fica comprometido. No entanto, outros aspectos como formação escolar e vida pessoal tendem a ser deixados em segundo plano (LANDA, 2015). A European Comission (2012) estimula o diálogo entre os órgãos esportivos e educacionais para flexibilização dos currículos escolares para estudantes-atletas.

Percebemos a necessidade de investigar como ocorre essa relação nos mais variados esportes, a fim de subsidiar políticas públicas ou programas de governo que atuem nessa mediação, tal como o Programa Bolsa Atleta, que se apresenta como um programa inovador que promove o desenvolvimento de talentos esportivos de estudantes-atletas. Acrescente-se que, na categoria de Atleta-Estudantil, o programa exige a permanência na escola.

O Programa Bolsa Atleta (assegurado pela Lei nº 10.891, de 09 de julho de 2004 e pelo Decreto Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005) tem a finalidade de dar

apoio aos atletas de diferentes modalidades de alto rendimento que apresentam bons resultados nas competições nacionais. O objetivo do programa é apoiar talentos esportivos ainda não absorvidos pelo mercado do esporte de alto rendimento. Os valores são diferenciados por categoria e desempenho do atleta. Poder-se-ia pensar tal programa como um apoio governamental de fixação do atleta até que consiga sua inserção e sobrevivência através do esporte (BRASIL, 2004).

O Programa Bolsa Atleta visa contribuir minimamente para a manutenção e para o custo que envolve a rotina do atleta com treinamentos e competições. Essa bolsa se divide em cinco categorias: Atleta de Base, Atleta Estudantil, Atleta Nacional, Atleta Internacional e Atleta Olímpico e Paraolímpico. Centraremos este artigo na categoria Atleta Estudantil, por serem atletas em idade escolar, período que o jovem deve também dedicar-se à escola e aos estudos. Para obter o benefício o atleta deve obter significativo desempenho em eventos esportivos que sejam reconhecidos pelo Ministério do Esporte[12]. O valor da bolsa para o atleta dessa categoria é de R$ 370,00. Para se inscrever como candidato ao benefício, o atleta deve cumprir alguns pré-requisitos, entre eles, estar matriculado em instituição de ensino público ou privado.

2 MÉTODOS

2.1 DESENHO DO ESTUDO E INSTRUMENTOS

Aplicamos uma entrevista estruturada[13] já validada para diferentes modalidades esportivas (MELO, 2010). As categorias de análise presentes nos instrumentos foram as seguintes: a) formação profissional: idade de início; rotina de treinamentos vivida nas categorias de base; b) escolarização: local; tipo de escola; turno de aulas; horário destinado aos estudos; compatibilidade entre treinos, competições, lazer, escola; anos de escolarização; cursos paralelos; apoio e bolsas recebidas para o estudo; c) história familiar: profissão e escolaridade dos pais; d)

[12] Para que o atleta possa pleitear a Bolsa, ele deve ter conseguido a seguinte classificação: Esportes Individuais (classificado de primeiro a terceiro lugar nos JEBs e JUBs) ou Esportes Coletivos (seis melhores atletas de cada modalidade coletiva).
[13] Anexo 1.

rotina da vida atual: no trabalho no esporte, no lazer, na vida social e nas outras atividades de formação ou lazer que realiza atualmente; e) representações sobre a escola e sobre a atitude de estudar.

Através de uma abordagem quantitativa, buscamos atender ao objetivo do estudo, relacionando as rotinas de treinamento, de competições e de estudos do estudante-atleta beneficiado pelo Programa Bolsa Atleta do Governo Federal. As principais variáveis que consideramos foram: tipo de modalidade esportiva; tempo de dedicação às obrigações da dupla carreira; escolaridade dos atletas e familiares próximos; e classe social. Comparamos as variáveis coletadas nas entrevistas com os estudantes-atletas a partir do pareamento por faixa etária e tipo de modalidades que praticavam. Consideramos, para fins da análise, a frequência e as médias das respostas.

2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O universo de estudantes-atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta totalizava 245 jovens, entre 14 e 24 anos de idade, em 2011. Entramos em contato com os 245 estudantes-atletas, porém, obtivemos apenas 179 respostas às nossas entrevistas estruturadas, representando 13 modalidades distintas. Para o presente estudo, utilizamos os dados de 131 atletas das modalidades de atletismo, judô e natação, sendo 64 atletas do sexo feminino e 67 atletas do sexo masculino.

Na Tabela 2, podemos observar os dados separados por faixa etária em dois grupos (14 a 17 anos e 18 a 24 anos); optamos por essa separação para proporcionar melhor visualização e interpretação dos dados apresentados. A escolha dessas três modalidades justifica-se por representarem 73% de toda a amostra; com isso, as análises e comparações se tornam mais representativas do universo de atletas beneficiados pelo Bolsa Atleta Estudantil.

Tabela 2 – Distribuição das características dos atletas

Variáveis	14 a 17 anos		18 a 24 anos	
	n	%	n	%
Sexo				
Masculino	28	50,9	39	51,3
Feminino	27	49,1	37	48,7
Modalidade				
Atletismo	18	32,7	43	56,6
Judô	22	40,0	15	19,7
Natação	15	27,3	18	23,7
Estuda atualmente?				
Sim	53	96,4	56	73,7
Não	2	3,6	20	26,3
Turno escolar				
Manhã	46	83,6	30	53,6
Tarde	4	7,3	7	12,5
Noite	2	3,6	14	25,0
Manhã e tarde	1	1,8	5	8,9

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Na análise dos dados, elaboramos uma planilha no programa Microsoft Excel. A análise estatística foi feita no programa SPSS[14] para Windows (versão 19.0). Realizamos uma análise estatística descritiva, visando à obtenção da frequência e da média de ocorrências das respostas.

Dividimos os grupos de atletas com base em duas faixas de idade e no tipo de modalidade que praticavam. A partir daí, verificamos como ocorria a variação dos indicadores de conciliação da dupla carreira, como o tempo das rotinas de obrigação e a escolaridade dos atletas. Além disso, usamos a classe social e o nível de instrução dos familiares para identificar as possibilidades de investimento no processo de escolarização, através do diálogo com a literatura sobre o tema.

---

[14]*Statistical Package for the Social Sciences*.

3 RESULTADOS

3.1 Tempo do esporte e da escola

No sentido de entender como o esporte pode exercer influência nas escolhas das estratégias de escolarização, tomamos como variável de análise a administração dos tempos gastos com os treinamentos e com a escola. Partimos do pressuposto de que a administração do tempo na rotina diária desses jovens pode ser um indicador das prioridades e escolhas que atletas e suas famílias realizam no processo de conciliação entre a escola e o esporte.

Tabela 3 – Tempo médio de jornada escolar[15] por faixa etária, modalidade, turno e nível de ensino

Variáveis	14 a 17 anos				18 a 24 anos			
	Manhã	Tarde	Noite	Integral	Manhã	Tarde	Noite	Integral
Atletismo								
E. fundamental	20:40:00	-	-	-	21:00:00	24:00:00	15:00:00	-
E. médio	24:32:00	21:00:00	-	-	25:15:00	22:30:00	18:00:00	-
E. superior	-	-	-	-	24:00:00	-	17:55:00	21:00:00
Total	22:36:00	21:00:00	-	-	23:25:00	23:15:00	16:58:00	21:00:00
Judô								
E. fundamental	27:00:00	21:00:00	-					
E. médio	28:52:00	-	21:00:00		26:20:00	-	-	-
E. superior	24:00:00	-	-		22:17:00	15:00:00	20:00:00	43:00:00
Total	26:37:00	21:00:00	21:00:00		24:18:00	15:00:00	20:00:00	43:00:00
Natação								
E. fundamental	-	-	-	-		15:00:00		
E. médio	26:27:00	25:00:00	-	-	26:00:00	20:00:00		
E. superior	-	-	-	25:00:00	25:48:00		17:20:00	19:30:00
Total	26:27:00	25:00:00	-	25:00:00	25:54:00	17:30:00	17:20:00	19:30:00

[15] Tomamos como referência a jornada escolar como sendo o tempo diário que o respondente da nossa pesquisa frequentava a escola. Para isso, perguntamos sobre seu horário de entrada e saída da escola. Na Tabela 2, usamos ainda a jornada escolar semanal, distribuída por turno, faixa etária e modalidades esportivas. Para fins de cálculo, usamos como referência a jornada escolar diária e a multiplicamos por 5, que é a quantidade de dias na semana que os entrevistados frequentavam a escola.

Na Tabela 3, podemos observar que os atletas do atletismo de 14 a 17 anos apresentam jornada escolar inferior aos aletas de natação e judô. Conforme apresentado na Tabela 2, a maioria dos atletas dessa faixa etária estuda pela manhã. A diferença semanal de jornada média escolar chega a quatro horas e um minuto entre atletas do atletismo e judô. Também é constatada na faixa etária dos 18 aos 24 anos uma menor média de atletas do atletismo; no entanto, as médias são menos discrepantes que na faixa etária dos atletas mais jovens.

Tabela 4 –Tempo de treinamento por modalidade, faixa etária e turno de frequência à escola

Modalidade	14 a 17 anos	18 a 24 anos	Médias
Atletismo			
Manhã	14:17:00	14:45:45	14:31:22
Tarde	08:00:00	08:45:00	08:22:30
Noite	-	17:51:00	17:51:00
Manhã e tarde	-	09:30:00	09:30:00
Não estuda	16:30:00	16:24:00	16:27:00
Judô			
Manhã	16:28:00	17:42:00	17:05:00
Tarde	12:00:00	10:00:00	11:00:00
Noite	12:30:00	10:00:00	11:15:00
Manhã e tarde	-	12:00:00	12:00:00
Não estuda	-	23:00:00	23:00:00
Natação			
Manhã	17:48:00	19:15:00	18:31:30
Tarde	16:00:00	10:00:00	13:00:00
Noite	-	15:00:00	15:00:00
Manhã e tarde	17:00:00	11:00:00	14:00:00
Não estuda	-	20:00:00	20:00:00

Na Tabela 4 observamos que existe uma grande variação do tempo destinado aos treinamentos em relação ao turno em que frequentam a escola. Contudo, as maiores médias (entre os que estudam) foram encontradas para os atletas do turno matinal. Interessante observar que os atletas que não estudam apresentam maiores tempos de treinamento.

Tabela 5 – Frequência e percentual de escolaridade dos pais e dos atletas separados por modalidade esportiva e faixa etária

Variáveis	14 a 17 anos						18 a 24 anos					
	Pais		Mães		Atletas		Pais		Mães		Atletas	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1º ao 5º ano incompleto												
Atletismo	1	5,6	1	5,6	0	0	1	2,3	2	4,7	0	0
Judô	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Natação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1º ao 5º ano completo												
Atletismo	1	5,6	0	0	0	0	3	7,0	3	7,0	1	2,3
Judô	0	0	1	4,5	0	0	0	0	1	6,7	0	0
Natação	0	0	0	0	0	0	1	5,6	0	0	0	0
6º ao 9º ano incompleto												
Atletismo	1	5,6	2	11,1	1	5,6	6	14,0	5	11,6	2	4,7
Judô	2	9,1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Natação	0	0	1	6,7	0	0	1	5,6	1	5,6	1	5,6
6º ao 9º ano completo												
Atletismo	2	11,1	5	27,8	2	11,1	7	16,3	5	11,6	2	4,7
Judô	2	9,1	1	4,5	2	9,1	1	6,7	0	0	0	0
Natação	0	0	2	13,3	0	0	1	5,6	1	5,6	0	0
Ensino Médio incompleto												
Atletismo	1	5,6	0	0	13	72,2	1	2,3	2	4,7	14	32,6
Judô	0	0	0	0	18	81,8	3	20,0	0	0	3	15,0
Natação	0	0	0	0	14	93,3	0	0	1	5,6	5	27,8
Ensino médio completo												
Atletismo	5	27,8	7	38,9	1	5,6	10	23,3	14	32,6	6	14,0
Judô	8	36,4	9	40,9	0	0	6	40,0	9	60,0	2	10,0
Natação	2	13,3	4	26,7	0	0	4	22,2	3	16,7	1	5,6
Ensino superior incompleto												
Atletismo	0	0	0	0	1	5,6	0	0	0	0	14	32,6
Judô	0	0	0	0	2	9,1	0	0	0	0	9	45,0
Natação	1	6,7	0	0	1	6,7	3	16,7	2	11,1	10	55,6
Ensino superior completo												
Atletismo	2	11,1	2	11,1	0	0	6	14,0	6	14,0	4	9,3
Judô	8	36,4	10	45,5	0	0	5	33,3	5	33,3	1	5,0
Natação	11	73,3	8	53,3	0	0	8	44,4	10	55,6	1	5,6
Não frequentou a escola												
Atletismo	0	0	0	0	0	0	2	4,7	2	4,7	0	0
Judô	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Natação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não informado												
Atletismo	5	27,8	1	5,6	0	0	5	11,6	4	9,3	0	0
Judô	2	9,1	1	4,5	0	0	0	0	0	0	0	0
Natação	1	6,7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Não tenho pai ou responsável												
Atletismo	0	0	0	0	-	-	2	4,7	0	0	-	-
Judô	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0	-	-
Natação	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0	-	-

Os dados da Tabela 5 indicam que a escolaridade dos pais dos atletas, de um modo geral, é alta. Dos responsáveis dos atletas até 17 anos, pais e mães apresentaram 68,1% e 72%, respectivamente, conclusão de, no mínimo, o ensino médio. Os dados dos responsáveis dos atletas de 18 aos 24 anos são bem próximos, 64,6% para os pais e 74,4% para as mães. A escolarização alta dos pais pode indicar que a dedicação à escola possa ser um tema recorrente nos assuntos familiares.

Detalhando os dados acima, percebemos que os responsáveis dos atletas do atletismo apresentam escolaridade baixa, em comparação com os responsáveis de judô e natação. Na faixa dos atletas que possuem entre 14 e 17 anos, os pais dos atletas do atletismo apresentaram 44,4% de conclusão de, no mínimo, o ensino médio, sendo 38,9% para os pais e 50% para as mães. No judô, esses dados apresentam um aumento significativo, com índices de 72,2% e 86,4% para pais e mães, respectivamente. Com taxas altíssimas, aparecem os responsáveis dos atletas da natação, com índice de 86,5% de término de, ao menos, o ensino médio, com os pais representando 93,3% e as mães 80%.

Quando comparamos os mesmos dados na faixa etária com atletas de 18 a 24 anos, os índices são bastante próximos. Os pais dos atletas do atletismo apresentaram a escolaridade mais baixa, com 41,9% de concluintes de, no mínimo, o ensino médio. Pais dos atletas da natação e do judô apresentaram índices iguais, 83,3%, sendo, 73,3% e 93,3 para pais e mães dos atletas do judô, respectivamente, e 83,3% para os pais de atletas da natação e 83,4% para as mães.

Na comparação da escolaridade dos atletas, os índices são parecidos entre as modalidades; todavia, assim como a escolaridade dos responsáveis, os atletas da natação apresentaram maior escolaridade, enquanto que os do atletismo apresentaram a mais baixa. Na faixa dos 18 aos 24 anos, 15 atletas do atletismo não estudam atualmente: desses, seis terminaram o ensino médio; três possuem ensino médio incompleto; três concluíram o ensino superior; dois possuem o ensino superior incompleto e um possui o ensino fundamental incompleto. Do judô, dois atletas não estudam atualmente; no entanto, esses dois concluíram o ensino médio. Na natação, três não estudam atualmente: um possui ensino médio incompleto; um possui ensino médio completo e um possui superior incompleto.

Figura 2 – Classe social dos atletas de 14 aos 17 anos por modalidade

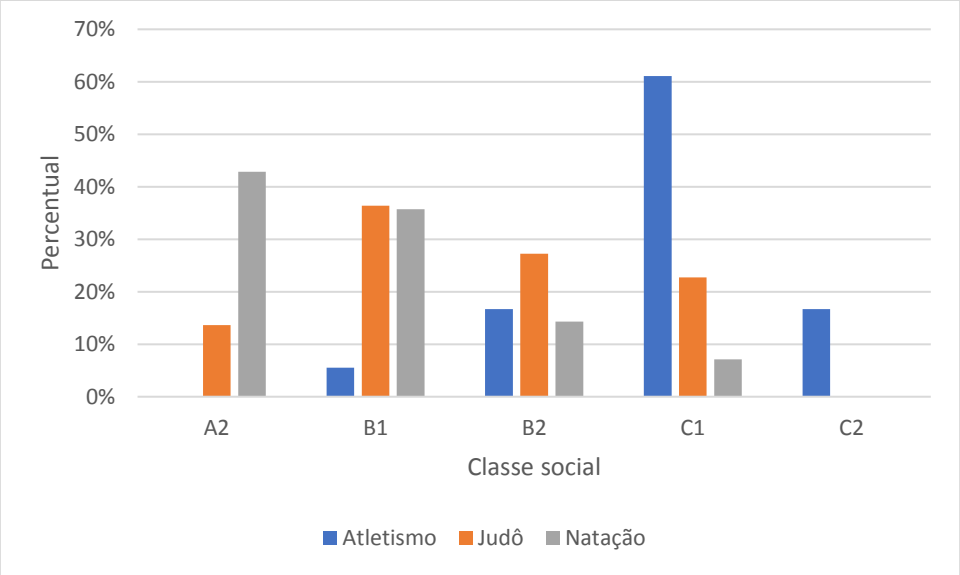
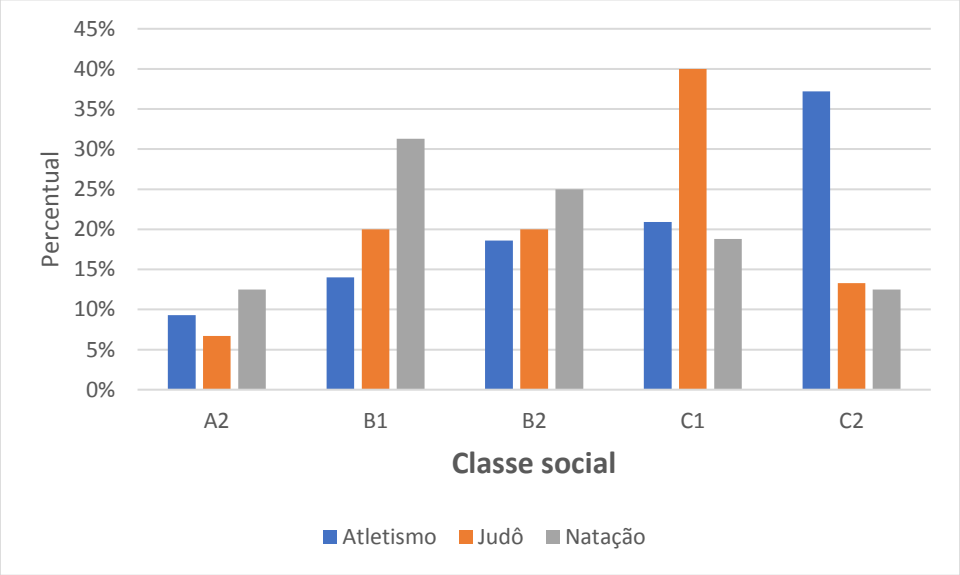


Figura 3 – Classe social dos atletas de 18 aos 24 anos por modalidade



Nas Figuras 2 e 3 são apresentadas as estimativas de renda por corte de classe. Nossos dados indicam que existem grandes diferenças de classe social entre as três modalidades estudadas. Atletas da natação com até 17 anos são, em sua grande maioria, pertencentes das classes[16] A e B1 (Tabela 6). Atletas do judô

[16] Utilizamos o método da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), a partir do Critério Brasil, para estimar as classes de renda familiar. A partir desse critério, solicitam-se informações sobre bens de consumo do respondente e aplica-se um cálculo da ABEP, estimando,

pertencem majoritariamente às classes B1 e B2. Enquanto que os atletas do atletismo apresentaram rendas compatíveis com as classes C1 e C2. Para os atletas entre 18 e 24 anos, o padrão é parecido entre as modalidades. Natação apresenta maiores rendas, enquanto atletas do judô se mantém entre as classes B e C1 e os atletas do atletismo apresentam maior frequência na classe C. De modo geral, são poucos os atletas pertencentes às classes A, e nenhum estudante-atleta apresentou renda compatível com as classes D e E.

Tabela 6 – Renda média bruta familiar da população brasileira em 2012

Classes	Renda média bruta familiar no mês em R$
A	11.037
B1	6.006
B2	3.118
C1	1.865
C2	1.277
D-E	895

Fonte: LSE 2012 Ibope Media

Em ambas as faixas etárias pesquisadas, o índice de abono de faltas é próximo aos 90 pontos percentuais, o que demonstra uma adaptação da escola à carência desse aluno atleta. Além do abono das faltas, os atletas conseguem a remarcação das provas após o período afastado para torneios e campeonatos. Como podemos observar, o índice de remarcação de provas ultrapassa os 94% em ambas faixas etárias. No entanto, 92% afirmaram não ter reposição de aulas ou conteúdos perdidos em casos de ausências nas aulas, por conta de treinamentos ou competições.

assim, o pertencimento de faixa de rendimento das famílias estudadas. Ver: http://www.abep.org/criterio-brasil.

Tabela 7 – Frequência e percentual de abono, remarcação provas e aulas extras por modalidade e faixa etária.

	14 a 17 anos		18 a 24 anos	
	Sim	Não	Sim	Não
Abonam faltas				
Atletismo	16 (88,9%)	2 (11,1%)	41 (95,3%)	2 (4,7%)
Judô	20 (90,9%)	2 (9,1%)	12 (80,0%)	3 (20,0%)
Natação	15 (100%)	0 (0,0%)	16 (88,9%)	2 (11,1%)
Remarcam provas				
Atletismo	17 (94,4%)	1 (5,6%)	40 (93,0%)	3 (7,0%)
Judô	22 (100%)	0 (0,0%)	15 (100%)	0 (0,0%)
Natação	13 (86,7%)	2 (13,6%)	17 (94,4%)	1 (5,6%)
Dão aulas extras				
Atletismo	2 (11,1%)	16 (88,9%)	7 (16,3%)	36 (83,7%)
Judô	3 (13,6%)	19 (86,4%)	0 (0,0%)	15 (100%)
Natação	0 (0,0%)	15 (100%)	1 (5,6%)	17 (94,4%)

As expectativas escolares dos estudantes-atletas são altas. No entanto, podemos observar na Tabela 8 que existe uma grande diferença entre as modalidades. Estudantes-atletas do judô e da natação apresentam expectativas maiores que as do atletismo. Enquanto que estudantes-atletas majoritariamente desejam concluir o ensino superior, estudantes-atletas de natação e judô desejam alcançar cursos de pós-graduação.

Tabela 8 – Frequência e percentual do nível de ensino que os atletas desejam alcançar por faixa etária e modalidade

	14 a 17 anos		18 a 24 anos	
	N	%	N	%
Ensino Médio				
Atletismo	1	5,6	5	11,6
Judô	-	-	-	
Natação	-	-	1	5,6
Ensino superior				
Atletismo	12	66,7	21	48,8
Judô	9	40,9	5	33,3
Natação	5	33,3	6	33,3
Pós-graduação				
Atletismo	5	27,8	17	39,5
Judô	13	59,1	10	66,7
Natação	10	66,7	11	61,1

4 DISCUSSÃO

Observamos que as diferentes modalidades esportivas exigem dos seus atletas tempo e dedicação distintos. Com isso, os modelos de conciliação das obrigações da dupla carreira são ajustados conforme as necessidades apresentadas. Ressaltamos que as estratégias adotadas para a compatibilização da jornada escolar com o tempo de treinamento são feitas a partir de acordos entre clube, atleta, família e escola (ROCHA, 2017; CORREIA, 2018). Portanto, as negociações a níveis individuais são representadas pelos tempos investidos em cada espaço de formação do estudante-atleta, considerando seus projetos individuais e familiares, assim como os valores atribuídos ao esporte e à escola.

O tempo médio de jornada escolar é distinto entre as três faixas etárias selecionadas. Se pensarmos que essa jornada, associada à frequência e à matrícula dos alunos, é um indicador de dedicação à escola (NERI, 2009), existe uma diferença acentuada entre os jovens que estão em diferentes modalidades no esporte de alto rendimento. Esse dado nos retoma a ideia de que o esporte pode ser um tipo de trabalho que compete pelo tempo e espaço do jovem atleta. Se

compararmos com os jovens atletas do futebol do Rio de Janeiro, por exemplo, veremos que esses últimos, conforme avançam nas categorias de base, tendem a ter uma jornada escolar reduzida e uma crescente migração para o ensino noturno (MELO, 2010). No entanto, o mesmo não é observado com tanta ênfase se considerarmos apenas os bolsistas do Programa Bolsa Atleta (Tabela 3). Nesse caso, sugerimos que as demandas são específicas para cada modalidade esportiva e devemos considerar outras variáveis para verificarmos a concorrência entre o tempo da escola e o tempo para o esporte de alto rendimento (FUCHS et al., 2016).

O caso dos atletas do atletismo é emblemático. Observando a escolarização dos responsáveis desses atletas, vimos que cerca de 36,7% alcançaram somente o ensino fundamental. Esse é o maior índice de pais com baixa escolaridade encontrado dentre as três modalidades. Não obstante, parece que essa diferença se estende aos próprios atletas de atletismo, apesar da discrepância ser mais baixa. Pode-se sugerir que essa relação simétrica de baixa escolaridade perpetuada pelas gerações familiares é reflexo de um conjunto de fatores inerente à condição social tanto do atleta quanto de suas famílias.

Por ser um esporte que exige baixo investimento financeiro inicial para aquisição de material e acessórios (sapatilha, camiseta, short), o desenvolvimento do atletismo vem ocorrendo basicamente em projetos sociais, até mesmo financiado por programas governamentais. Percebemos um movimento distinto na natação e no judô, para os quais, diferentemente do atletismo, há um custo para a sua iniciação. Um dos custos, por exemplo, são os valores estabelecidos na mensalidade dos clubes, escolas ou academia de natação e judô para iniciar a prática esportiva. As modalidades esportivas aqui servem como marcadores sociais na medida em que o processo de iniciação exige diferentes formas de investimentos. Algumas modalidades carecem de investimento financeiro, outras apenas necessitam do investimento de tempo e interesse de participar.

O coorte de classe pode explicar melhor a baixa escolaridade dos atletas de atletismo, comparados aos das demais modalidades esportivas. Ribeiro (2009, 2011) justificou que as famílias com menor potencial financeiro e com baixo status ocupacional tinham mais chances de não progredir aos níveis mais altos do sistema educacional. Se considerarmos a baixa escolaridade dos pais dos atletas de atletismo, associada a uma possível ocupação com baixo status social, corrobora-se a hipótese de Ribeiro (2009, 2011), de que o sistema educacional brasileiro vem

perpetuando as desigualdades de transição nos mais diversos níveis de escolarização.

Ainda que a escolaridade dos atletas de atletismo esteja aquém da média encontrada para a população atendida pelo Programa Bolsa Atleta, isso não significa que as expectativas escolares desses jovens sejam baixas também. De modo geral, as expectativas de prosseguir nos estudos são muito altas, apresentando índices acima de 90% para ingresso no ensino superior e em cursos de pós-graduação. Isso é um contrassenso, se compararmos com os dados educacionais.

Na mesma linha das desigualdades de oportunidades nos níveis de transição no sistema educacional, autores como Barbosa e Sant'Anna (2010) indicam que as expectativas educacionais podem estar relacionadas aos valores associados pelas famílias nos diferentes níveis de classe social. Barbosa e Sant'Anna (2010) comentaram que as famílias com menor poder aquisitivo atribuem um valor instrumental à educação, como uma busca pela credencial para rápida ocupação no mercado de trabalho. Por outro lado, famílias com maiores rendas logram na educação uma meta para realização pessoal, um valor simbólico dado a esse bem.

Podemos sugerir que a contradição percebida nas expectativas educacionais dos atletas do atletismo com aquilo que fala a literatura tem algumas hipóteses explicativas: (1) os meios de socialização com a escola permitiram que esses jovens almejassem uma carreira dependente da formação escolar; (2) a formação esportiva não é um impedimento para a continuidade nos estudos, apresentado aos jovens outro viés na educação; ou (3) a crença na escolarização talvez seja um ideal normativo, o que pode gerar algum constrangimento na entrevista. Essas tentativas de explicar as expectativas educacionais dos jovens atletas do atletismo podem ser melhor exploradas em estudos qualitativos, dado o limite de nossa investigação.

Apesar da contrariedade dos dados apresentados pelos atletas do atletismo, quando separamos os demais dados por estimativa de classe social, voltamos a perceber que esta ainda é fator predominante para explicar as metas na educação dos jovens. As expectativas educacionais variaram de acordo com a classe social apresentada nos dados das Figuras 2 e 3. As duas modalidades com maiores rendas apresentaram expectativas escolares mais altas. Nesse sentido, Bourdieu (1998) emenda que as diferenças na origem social podem afetar as disparidades nas trajetórias e na desigualdade de oportunidades escolares do indivíduo, mas por

uma questão de acumulação de capital cultural, e não simplesmente pelos fatores socioeconômicos.

Os atletas pesquisados apresentam escolaridade compatível com a faixa etária, inclusive com muitos atletas já cursando o ensino superior em ambas as faixas etárias. No que tange a frequência à escola, 109 (85%) atletas entrevistados declararam estar matriculados e frequentando as salas de aula, enquanto que 22 (15%) atletas não estão estudando no momento (Tabela 2). O que é importante ressaltar nesse dado é que os atletas deveriam obrigatoriamente estar estudando para receber o benefício do Governo Federal. No entanto, alguns atletas burlam a necessidade de se manter estudando durante o recebimento do benefício. Eles se matriculam em uma escola ou universidade, solicitam documentos comprobatórios de que estão cursando, apresentam a documentação para obter o benefício do bolsa atleta, e abandonam.

Os atletas informaram nas conversas que não existe nenhum mecanismo de controle durante a vigência do benefício. O controle só acontece para a obtenção do mesmo. Assim, começamos a perceber lacunas que tangem a formulação de Programas de Governo, quando estes não estão subordinados a uma legislação que atenda à especificidade da ocupação de trabalhador do esporte. A ausência de uma legislação específica que ajude a pensar esses tipos de programa também não permite estabelecer critérios de acompanhamento e fiscalização das entidades formadoras. Com isso, é possível sugerir que as negociações ao nível individual podem estar sujeitas às burlas dos atores sociais que estabelecem as próprias regras, a fim de satisfazer seus desejos e manter suas oportunidades (ROCHA, 2017).

A iniciativa do governo federal em distribuir bolsas para a detecção e o desenvolvimento de talentos esportivos e para permitir que a rotina de treinamento e competições esteja compatibilizada com a rotina escolar é uma estratégia interessante. Mas devemos levar em consideração que o esporte de alto rendimento, no Brasil emergiu de forma independente da formação escolar, de modo que cada uma dessas duas instituições busca atingir seu objetivo de forma independente. Conforme apresentado, os jovens atletas têm algumas perdas na escola devido às viagens e competições, principalmente dos conteúdos escolares. Conforme apresentado na Tabela 6, algumas escolas resolvem oferecer

mecanismos de compensação, remarcando provas e abonando faltas. No entanto, o conteúdo das disciplinas não é reposto.

Estudantes-atletas da NCAA Division I[17] possuem uma restrição que limita em 20 horas semanais o tempo de treinamento. Esta regra foi estabelecida na Convenção da NCAA em 1991. A mudança foi uma demanda dos estudantes-atletas preocupados com as excessivas horas dedicadas ao treinamento. Antes de 1991, não havia nenhuma limitação (NCAA, 2017).

Na Tabela 4 podemos observar que apenas os atletas do judô e da natação que atualmente não estudam apresentam médias iguais ou superiores a 20 horas de treinamento semanal. No Brasil, nenhuma legislação limita ou recomenda o tempo máximo de treinamento. O tempo dedicado aos treinamentos é determinado pelos clubes e/ou treinadores e varia conforme a modalidade. As exigências esportivas somadas às escolares consomem tempo significativo dos estudantes-atletas para desenvolvimento de outros aspectos de suas vidas fora seu esporte (AQUILINA, 2013).

Podemos considerar, também, que a condição especial de trabalhador do esporte não é vista dessa forma pelas instituições educacionais e esportivas. A rotina de treinamento e competições exige tempo, deslocamento e, muitas vezes, viagens. Essa situação específica e inerente à formação esportiva não está prevista na legislação brasileira, deixando de lado uma parcela da juventude que busca o esporte como meio de sustento. Dessa forma, as estratégias de conciliação dessa dupla carreira dependem exclusivamente da habilidade nas negociações e boa vontade dos atores da escola, do esporte, da família e do próprio atleta (ROCHA, 2017; CORREIA, 2018).

Ainda que haja o interesse do governo federal em mediar essa relação entre esporte de alto rendimento e formação escolar, pudemos observar que esse diálogo entre esporte e escola carece muito de debate. A falta de infraestrutura e recursos financeiros pode ser o maior desafio que os atletas enfrentam ao longo de sua formação no esporte. Por outro lado, os esforços empreendidos para superar esse desafio afetam diretamente a rotina escolar, principalmente no concernente ao

---

[17] *National Collegiate Athletic Association* é uma associação composta de 1281 instituições, conferências, organizações e indivíduos que organizam a maioria dos programas de esporte universitário nos Estados Unidos.

cansaço físico do atleta. Dessa forma, pensamos que o fornecimento de auxílio aos atletas em formação deve ser repensado. Podemos sugerir que o recurso destinado é insuficiente para que o atleta permaneça como tal. Mas, o mais importante, é que, para que esse jovem atleta desponte como um atleta de ponta, os dados mostram que eles precisam de apoio que vão muito além do auxílio do Programa Bolsa Atleta.

Por fim, constatamos o que pode ser óbvio: as diferentes modalidades esportivas possuem demandas distintas. Portanto, as estratégias de conciliação das rotinas da dupla carreira são diferentes em cada uma delas. Todavia, verificamos que, mesmo havendo uma mediação do Programa Bolsa Atleta, os mecanismos para a compatibilização das rotinas da dupla carreira, no esporte e na escola, carecem de sistematização e regulamentação específica para esse tipo de trabalho. Com isso, visa-se minimizar os obstáculos da dupla carreira que levam atletas, clube, escola e famílias a adotarem táticas de conciliação que, por vezes, ferem a garantia do direito fundamental ao acesso e permanência nas instituições escolares.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa tese demonstrou como a dupla carreira está sendo explorada pela linha de investigação de suas características objetivas. Pelo contexto de estudos europeus, vimos que a preocupação estava associada à diminuição do tempo de deslocamento entre uma atividade obrigatória e outra, além da organização dessas rotinas. Essa é a razão básica que motivava o desenrolar das outras características que permeavam os sistemas europeus de mediação da dupla carreira. Com isso, as vantagens desses programas apresentados pelos estudos circulavam a ideia de que a rotina bem esquadrinhada e a redução do tempo de deslocamento entre as atividades na escola e no esporte minimizavam impactos nocivos à formação do estudante-atleta na dupla carreira.

O problema que identificamos é que esses estudos também indicavam falhas nos programas de compatibilização das rotinas da dupla carreira. Não estamos discutindo no sentido de atribuir a eficácia dos programas europeus de mediação da dupla carreira. Estamos chamando a atenção para os problemas relacionados a esse tipo de formação que vão além da gestão das condições objetivas da dupla carreira. A exigência e a pressão pelos resultados no esporte de alto rendimento, somadas às obrigações da carreira escolar, causavam nos estudantes-atletas esgotamento psicológico, cansaço físico e dificuldades de cumprir as tarefas de ambas as instituições. Pensando nisso, já podíamos sugerir que não é somente o tempo e a organização da rotina os problemas da dedicação à dupla carreira.

O que pode sustentar a tese de que os programas de mediação da dupla carreira amenizam os efeitos dessa relação, mas não apresentam soluções concretas para esse tipo de formação, é que nos estudos subsequentes, que apresentamos na tese, mostra-se que, mesmo na ausência dos programas de mediação no Brasil, os estudantes-atletas relatam os mesmos problemas dos casos europeus. Em um desenho de pesquisa, se consideramos o esporte ou a rotina esportiva impactando diretamente na rotina e na dedicação escolar, sugerindo uma reorganização das rotinas e uma aproximação física de ambas as instituições, o teste hipotético demonstrado nos estudos que aqui apresentamos, resultou em

dados divergentes da afirmação da concorrência entre o tempo e da rotina do esporte com a da escola.

Podemos sugerir que os programas de mediação da dupla carreira foram formulados a partir de demandas sobre os efeitos que a dedicação exagerada nos dois campos de formação pode ocasionar. Porém, quando observamos as ações individuais e as próprias falas que justificam as vantagens dos programas de mediação e suas desvantagens, pensamos que a dupla carreira é um projeto de vida em que os estudantes-atletas têm consciência dessas dificuldades. A questão que ainda carece de investimento nos estudos é: como os estudantes-atletas escolhem a dupla carreira como projeto de vida? Pensemos que essa pergunta pode influenciar o direcionamento das pesquisas e as estratégias de conciliação da dupla carreira.

Os dados relacionados às estudantes-atletas indicam que elas pouco investem na continuidade esportiva. Por outro lado, os estudantes-atletas masculinos tendem a escolher o projeto esportivo com maior frequência. Observemos que no jogo entre o esporte e a escola as oportunidades de sucesso percebidas pelo grupo masculino e o feminino são diferentes. O esporte feminino tem um mercado com menos oportunidades concretas de sucesso que o masculino. Basta observar os contratos de propagandas das jogadoras, comparados ao dos jogadores da seleção brasileira de futebol, por exemplo. Sem contar as diferenças salariais. Por outro lado, a escola no Brasil, historicamente, vem demonstrando que o público feminino atinge melhores resultados nos testes de proficiência, comparados ao masculino.

Ainda tratando sobre a condição esportiva, o tipo de modalidade esportiva também direciona a mercados com maiores ou menores possibilidades de sucesso na carreira no esporte. As modalidades coletivas e o tipo de organização do mercado de trabalho nelas apresentam mais condições para a profissionalização que as modalidades individuais. As possibilidades de profissionalização percebidas pelos estudantes-atletas afetam a dedicação e o investimento no esporte.

Por outro lado, se pensarmos na organização e nas querelas do sistema educacional brasileiro, também podemos sugerir explicações para uma maior dedicação e investimento na carreira esportiva. Quando indicamos que o sistema educacional brasileiro possui características que afetam igualmente a todo o público, como gargalos na transição do ensino fundamental para o ensino médio e também desigualdades educacionais direcionadas a grupos distintos na sociedade,

levantamos o questionamento de que a escola pode secundarizar projetos de escolarização de certos tipos que ingressam no sistema educacional.

A literatura sobre o sistema educacional brasileiro apresenta que ele possui um viés acadêmico, com poucas vias de escoamento para o ensino técnico e profissional; uma tendência à reprodução das desigualdades urbanas no ambiente escolar; produz uma baixa expectativa profissional para quem estuda e trabalha, entre outras condições. A partir daí, podemos indicar que no campo da escolha, quando submetidos à uma decisão importante, o indivíduo que observa poucas oportunidades de concluir seu projeto de carreira pelas vias educacionais pode trocar os prêmios escolares pelas possibilidades de conquistá-los em outras agências de formação que não dependam do diploma.

As pesquisas do LABEC que indicam a formação do projeto de carreira consideram e demonstram dados que os estudantes-atletas pretendem terminar o ciclo da educação básica. Essa vontade é justificada a partir da ideia de que, no pós-carreira de atleta, esse diploma escolar pode servir para ingressar no ensino superior. As escolhas das profissões dependentes do diploma escolar circulam o mercado esportivo, como professor de educação física, administrador, jornalista esportivo etc. Isso pode ajudar a explicar que a dupla carreira não é uma escolha focada apenas na formação do atleta. Embora isso apareça como intenção inicial, a sedução do mercado do esporte e a possibilidade de reconversão do capital adquirido nos anos de formação nessa agência inclinam as decisões do estudante-atleta para o investimento em carreiras esportivas.

Com isso, essa tese traz à tona a necessidade de maiores investimentos na compreensão do contexto de escolha da dupla carreira. As características que contribuem para a formação e a percepção sobre as oportunidades na carreira esportiva e escolar. Dessa forma, reforça-se a premissa de que as estratégias de conciliação e de mediação da dupla carreira vai além da gestão do tempo e da rotina do estudante-atleta. Vimos que mesmo com intervenção em diferentes níveis, o mercado europeu consegue amenizar poucos efeitos da dupla carreira, mas não soluciona os maiores problemas que levam estudantes-atletas a desistirem do esporte ou da escola. O mercado brasileiro funciona de modo diferente, uma vez que temos no contexto duas agências de formação que oferecem poucas oportunidades concretas de conclusão do projeto de carreira. Com isso, nas

negociações entre agentes da dupla carreira quase sempre se secundariza o projeto escolar.

Por fim, podemos pensar em modelos de investigação que considere as dimensões subjetivas sobre a dupla carreira, como: o contexto social, econômico e mercadológico do esporte e da escola; a percepção sobre as oportunidades concretas de exequibilidade dos projetos escolares e esportivos; e o suporte das redes de sociabilização do estudante-atleta no seu projeto de investimento na dupla carreira. Devemos entender o processo de investimento na dupla carreira como algo que sabidamente trará problemas de organização da rotina e do tempo das obrigações em ambas as instituições. Mas podemos indicar que a dupla carreira é um projeto de formação para o mercado esportivo e que a massa de ingressantes que não obtiverem sucesso como atletas podem ser redirecionados a outras carreiras que se utilizem do mesmo capital dentro do mesmo mercado.

REFERÊNCIAS

AMARA et al. Education of young sportspersons (lot 1) final report. PMP in partnership with the institute of sport and leisure policy. **European Commission DG Education & Culture**, Loughborough University, 2004.

AMSTERDAM UNIVERSITY OF APPLIED SCIENCE, Birch Consultants, the Talented Athlete Scholarship Scheme, the Vrije Universiteit Brussel, & the European Student as Athlete network. **Study on the minimum quality requirements for dual career services**. Executive summary. 2016. Disponível em: <http://bookshop. europa.eu/en/study-on-the-minimum-quality-requirements-for-dual-career-services-pbNC0216013/>. Acesso em: 1 maio 2016.

AQUILINA, D. A study of the relationship between elite athletes' educational development and sporting performance. **International Journal of the History of Sport**, v. 30, p. 374-392, 2013.

AQUILINA, D.; HENRY, I. Elite athletes and university education in Europe: a review of policy and practice in higher education in the European Union Member States. **International Journal of Sport Policy**, v. 2, n. 1, p. 25-47, 2010.

BARBOSA, M. L. de O.; SANT'ANNA, M. J. G. As classes populares e a valorização da educação no Brasil. In: RIBEIRO, L. C. de Q. et al. (Orgs). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrópoles – IPPUR/UFRJ, 2010. p. 155-174.

BARON-THIENE, A., ALFERMANN, D. Personal characteristics as predictors for dual career dropout versus continuation- A prospective study on adolescent athletes from German elite sport schools. **Psychology of Sport & Exercise**, v. 21, p. 42-49, 2015.

BORGGREFE, C.; CACHAY, K. "Dual Careers": The Structural Coupling of Elite Sport and School. **European Journal for Sport and Society**, v. 9, p.57-80, 2012.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-65.

BRASIL. **Consolidação das Leis de Trabalho – CLT, Lei nº 5.452 de 1 de maio de 1943.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-lei/Del5452.htm>. Acesso em: 4 ago. 2016.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 17 ago. 2016.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, maio/ago. 2013.

CHRISTENSEN, M. K.; SØRENSEN, J. K. Sport or school? Dreams and dilemmas for talented young Danish football players. **European Physical Education Review**, v. 15, p. 115-137, 2009.

CORREIA, C. A. J. **Projetos familiares na formação de atletas do futebol**: Apostas na profissionalização e na escolarização. 2018. 378f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772013000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 out. 2016.

CORROCHANO, M. C.; NAKANO, M. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. p. 95-134.

COSTA, F. R. da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA E SILVA, A. L. da. **Esporte e Escolarização: projetos, biografias e programa governamental**. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2016.

DAMO, A. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo e Rothchild, Anpocs, 2007.

EUROPEAN COMMISSION. **White Paper on Sport**. 2007. Disponível em: <http://eur-lex. europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52007DC0391&from=em>. Acesso em: 17 nov. 2016.

EUROPEAN COMMISSION. **Guidelines on dual careers of athletes** – Recommended policy actions in support of dual careers in high-performance sport. 2012. Disponível em: <http://www.ua.gov.tr/docs/default-source/gen%C3%A7likprogram%C4%B1/dual-career-guidelines-(%C3%A7ift-kariyerrehberi).pdf?sfvrsn=0>. Acesso em: 17 nov. 2016.

FUCHS, P. X. W., H.; HANNOLA, H.; NIEMISALO, N.; PEHME, A.; PUHKE, R.; MARINSEK, M.; STRMECKI, A.; SVETEC, D.; BROWN, A.; CAPRANICA, L.;

GUIDOTTI, F. European student-athletes' perceptions on dual career outcomes and services. **Kinesiologia Slovenica,** v. 2, n. 22, 2016.

GÓMEZ, I; TORREGROSA, M; RAMIS, Y; JAENES, J.C. Remando contracorriente: facilitadores y barreras para compaginar el deporte y los estudios. **Revista Andaluza de Medicina del Deporte**, v. 11, n. 1, 2016.

HELAL, R.; SOARES, A. J. G.; SALLES, J. G. do C. Futebol. In: **Atlas do esporte no Brasil**. 1 ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 257-259.

HENRY, I. **Elite Athletes and Higher Education**: Lifestyle, Balance and the Managment of Sporting and Educational Performance. Brusselles: International Olympic Committee, University Relation Olympic Studies Centre, 2010.

HICKEY, C.; KELLY, P. Preparing to *not* be a footballer: higher education and profesional sport. Sport. **Education and Society***,* v. 13, p. 477-494, 2008.

LANDA, S. (Org). **Sport Education and Training in Europe** – A dual career for a dual life. Sport and Citizenship Think Tank. Angers, France: Agence Com1ne, 2015.

LÓPEZ DE SUBIJANA, C.; BARRIOPEDRO, M. I.; CONDE, E*.* Supporting dual career in Spain: Elite athletes' barriers to study. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, n. 57-64, 2015.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 75f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MELO, L. B. S. de; SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A. da. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 4, p. 617-628, dez. 2014.

MELO L. B. S. et. al. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 6, n. 4, p. 400-4006, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.003>. Acesso em: 7 out. 2016.

MERIKOSKI, T. Dual Career in Finland. In: **Sport Education and Training in Europe** – A dual career for a dual life. Sport and Citizenship Think Tank. Angers, France: Agence Com1ne, 2015.

METSÄ-TOKILA, T. Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland. **European Physical Education Review**, v. 8, n. 3, p. 196-206, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249709895_Combining_Competitive_Sports_and_Education_How_TopLevel_Sport_Became_Part_of_the_School_System_in_the_Soviet_Union_Sweden_and_Finland>. Acesso em: 17 nov. 2016.

MONZANI, M.; SMOSINSKI, S. Enem 2012 será obrigatório para seleção em pelo menos 39 universidades federais. **UOL**, jun. 2012. Disponível em: < <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/06/13/enem-2012-sera-obrigatorio-para-selecao-em-pelo-menos-39-universidades-federais-inscricoes-terminam-na-sexta.htm>. Acesso em: 20 jun. 2012.

NCAA. **2017-18 NCAA**. DIVISION I MANUAL. 2017. Disponível em: <http://www.ncaapublications.com/productdownloads/D118.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2018.

NERI, M. C. (Coord.). **Tempo de Permanência na Escola**. Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/tpe/>. Acesso em: 27 jun. 2017.

NERI, M. C. O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. In: VELOSO, F. et al. (Orgs.). **Educação básica no Brasil**: construindo o país do futuro. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 25-50.

OLHEIROS VIRTUAIS. **Sportv Repórter.** Rio de Janeiro: Canal Sportv, 23 de setembro de 2009.

PLURI CONSULTORIA. Pluri Especial – **O que fazer com 554 clubes sem calendário?** 26 fev. 2013. Disponível em: <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20eSPECIAL%20-%20O%20que%20fazer%20com%20554%20clubes%20sem%20calendario.pdf>. Acesso em: mar. 2014.

RENS, F.E.V. ELLING, A. REIJGERSBERG, N. Topsport Talent Schools in the Netherlands: A retrospective analysis of the effect on performance in Sport and education. **International Review for the Sociology of Sport**, p. 1-19, dez. 2012.

RIBEIRO, C. A. C. **Desigualdade de oportunidades no Brasil**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____. Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 41-87, 2011. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/dados/v54n1/02.pdf>Acesso em: 15 abr. 2014.

ROCHA, H. P. A. **A escola dos jóqueis**: a escolha da carreira do aluno atleta. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://labec-ufrj.com/dissertacoes/disserhugopaula.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2013.

_____. **O Futebol como carreira, a escola como opção**: o dilema do jovem atleta em formação. 2017. 290f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ROMÃO, M. G. **Família e projeto**: um estudo a partir do Bolsa Atleta Estudantil. 2017. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-

graduação em Educação Física, Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2017.

SCHWARTZMAN, S. O viés acadêmico na educação brasileira. **Revista de Investigación Educacional Latinoamericana (PEL)**, Santiago de Chile, v. 48, n. 1, 2011.

_____. **Educação média profissional no Brasil**: situação e caminhos. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B. S.; BARTHOLO, T. L.; VELARDE, G. C.; RIBEIRO, C. H. V.; SANTOS, T. M. Time for football and school: an analysis of young brazilian players from Rio de Janeiro. **Estúdios Sociológicos**, v. 31, p. 1-14, 2013.

SOARES, A. J. G.; ROCHA, H. P. A.; COSTA, F. R. A. **Escola dos Jóqueis**: a aposta de carreira do aluno atleta. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia. 2011, Curitiba-PR. Disponível em: <http://www.sistemasmart.com.br/sbs2011/arquivos/30_6_2011_15_53_43.pdf.> Acesso em: 4 ago. 2011.

SOUZA, C. A. M. de. et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2017.

STAMBULOVA, N.; ENGSTRÖM, C.; FRANCK, A.; LINNÉR, L.; LINDAHL, K. Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 4-14, 2015.

STAMBULOVA, N.; JOHNSON, U. Athletes' careers in Sweden: facilitating socialization into sports and re-socialization upon retirement. In: STAMBULOVA, N.; RYBA, T. V. (Eds.). **Athletes' careers across cultures**. London: Routledge, 2013. p. 197-208.

TOGNI, A. C.; SOARES, M. J. A escola noturna de ensino médio no Brasil. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 44, p. 61-76, mai./ago., 2007. Disponível em: < http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/800/80004406.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

TOLEDO, L. H**. Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TSHUBE, T.; FELTZ, D. L.The relationship between dual-career and post-sport career transition among elite athletes in South Africa, Botswana, Namibia and Zimbabwe. **Psychology of Sport and Exercise**, v. *21*, p.109-114, 2015.

APÊNDICE A – ENTREVISTA ESTRUTURADA

Data de Nascimento:_____ Clube: _____

Sexo:_____

Categoria:_____ Modalidade: _____

Bairro onde mora: _____ CEP:_____

Endereço:_____

Cidade:_____ _____

1 – Você mora:

( ) Na casa de seus pais ou parentes ( ) Em quarto alugado, pensão ou hotel

( ) No alojamento do clube ( ) Outro:_____

2 – Com que idade você começou a treinar em um clube vinculado a federação? (federado)

_____

3 – Onde você nasceu?

Estado: _____ Cidade: _____

Bairro: _____

4 – Em relação à cor de sua pele (IBGE), como você se CONSIDERA?

( ) Branco ( ) Negro ( ) Mulato/Pardo

( ) Amarela ( ) Indígena ( ) Não desejo declarar

( ) Outro _____

5 – Você estuda atualmente?

( ) Sim ( ) Não

Obs.:_____

6 – No mês de março, deixou de comparecer pelo menos 1 dia à escola?

( ) Sim ( ) Não

7 – Quantos dias deixou de comparecer à escola no mês de março?

_____

8 – Em que série você está ou completou?

Primário (1º ao 5º ano)	( )1ª série/2º ano ( )2ª série/3º ano ( )3ª série/4º ano ( )4ª série/5º ano
Ginásio (6º ao 9º ano)	( )5ª série/6º ano ( )6ª série/7º ano ( )7º série/8º ano ( )8ª série/9º ano
2º Grau (1ª à 3ª série do ensino médio)	( )1ª série ( )2º ano ( )3º ano ( )Completo
Faculdade (Superior)	( ) Completo ( ) Incompleto

9 – Quando você terminar o ensino médio, você pretende:

( ) Somente continuar estudando ( ) Somente trabalhar/esporte

( ) Continuar estudando e trabalhar/esporte ( ) Ainda não sei

10 – Em que turno você estuda?

Manhã	**Tarde**	**Noite**	**Manhã e Tarde**
( )	( )	( )	( )

11 – Em qual modalidade estuda?

( ) Regular ( ) Supletivo/EJA/PEJA ( ) Outros

12 – Sua escola passa dever de casa?

( ) Sempre ( ) Quase sempre ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

13 – Você faz o dever de casa?

( ) Sempre ( ) Quase sempre ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

14 – Você faz o dever de casa/estuda fora da escola?

( ) Sempre ( ) Quase sempre ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

15 – Quantas horas por semana você gasta para estudar as matérias ou disciplinas da escola? _____

16 – Você viaja para competir?
( ) Sim ( ) Não

17 – Quantas vezes você viaja para competir por ano? _____

18 – Quando você falta aula para treinar, competir, ou qualquer outra atividade vinculada ao esporte, à escola ou os professores:
- Abonam faltas: ( ) Sim ( ) Não
- Remarcam provas: ( ) Sim ( ) Não
- Dão aulas extras: ( ) Sim ( ) Não

19 – Tomando por base sua escola, comparando com outras que você conhece, dê uma nota de 0 a 10 para:
Organização da escola ___
Limpeza ____
Ensino ____
Espaço físico ____
Dê uma nota global ____

20 – Como você avalia o ensino da sua escola?
( ) Muito puxado ( ) Puxado ( ) Normal ( ) Pouco puxado ( ) Fraco

21 – Você **deseja** estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do Ensino Fundamental	( )
Até o Ensino Médio .	( )
Até a Faculdade (Superior) .	( )
Até a Pós-graduação	( )
Outros: _____	( )

22 – Você **acha** que vai conseguir estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do Ensino Fundamental	( )
Até o Ensino Médio	( )
Até a Faculdade (Superior)	( )
Até a Pós-graduação	( )
Outros: _____	( )

23 – Me diga qual é seu horário de entrada e de saída da escola e dos treinos:

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
HORÁRIO DA ESCOLA							
HORÁRIO DO TREINO/JOGO							

24 – Você chega atrasado ou sai antes do término das aulas por causa dos treinamentos?

( ) Sempre ( ) Quase sempre ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

25 – Em que TIPO de escola estuda?

( ) Federal ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Particular ( ) Outros

26 – Desde a quinta série, em que tipo de escola você estudou?

( ) Somente em escola pública ( ) Somente em escola particular ( ) Em escola pública e particular

27 – Em algum momento você precisou trocar de escola?

( ) Sim ( ) Não

28 – Qual motivo da troca?

_____

29 – Seu clube oferece escola?

( ) Sim ( ) Não

30 – Em caso de positivo na questão anterior, você estuda na escola oferecida pelo clube?
( ) Sim ( ) Não

31 – Em caso negativo na questão anterior, por que não estuda na escola oferecida pelo clube?
_____

32 – Nome da escola e bairro?
Escola_____
Bairro_____
Cidade_____

33 – Você já repetiu algum ano na escola?
( ) Nunca ( ) 1 vez ( ) 2 vezes ( ) 3 Vezes ( ) 4 vezes ( ) ___ vezes

34 – Você já abandonou a escola durante o período de aulas e ficou fora da escola o resto do ano?
( ) Nunca ( ) 1 vez ( ) 2 vezes ( ) 3 Vezes ( ) 4 vezes ( ) ___ vezes

35 – Caso positivo, em função de quê?
( ) Trabalho ( ) Esporte ( ) Outros

36 – Como você vai para a escola?
( ) Ônibus ( ) Trem ( ) a pé ( ) Bicicleta ( ) Carro ( ) Moto ( ) Barca ( ) Metrô
( ) Outro:_____

37 – Como você vai para o treino?
( ) Ônibus ( ) Trem ( ) a pé ( ) Bicicleta ( ) Carro ( ) Moto ( ) Barca ( ) Metrô
( ) Outro:_____

38 – Você faz algum curso fora da escola?

( ) Curso de idiomas ( ) Teatro/ cinema / música ( ) Curso de informática

( ) Outro Qual? _____ ( ) Não faço nenhum curso

39 – Quantas horas você gasta com esses cursos por semana?

_____

40 – Quanto tempo você gasta nos deslocamentos em dias de treinamento?

Local de origem	Local de destino	Tempo gasto
Casa		

41 – Até que série sua mãe estudou?

1ª à 4ª série	( ) Incompleto ( ) Completo
5ª à 8ª série	( ) Incompleto ( ) Completo
Ensino médio	( ) Incompleto ( ) Completo
Faculdade	( ) Incompleto ( ) Completo
( ) Não frequentou a escola ( ) Não tenho pai ou responsável ( ) Não sei	

42 – Até que série seu pai estudou?

1ª à 4ª série	( ) Incompleto ( ) Completo
5ª à 8ª série	( ) Incompleto ( ) Completo
Ensino médio	( ) Incompleto ( ) Completo
Faculdade	( ) Incompleto ( ) Completo
( ) Não frequentou a escola ( ) Não tenho pai ou responsável ( ) Não sei	

43 – Assinale a frequência em que você realiza as seguintes atividades em seu tempo livre.

( ) Sempre ( ) Quase sempre ( ) Às vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

Usa o computador (MSN, Orkut, Facebook etc.)	
Vai ao cinema	
Assiste na TV	
Pratica esporte fora do clube	
Vai à boate, discoteca, funk, samba.	
Lê jornais e revistas	
Lê livros para a escola	
Lê livros por lazer	
Lê livros religiosos	
Vai à igreja ou alguma reunião religiosa	

44 – Você tem religião? ( ) Sim ( ) Não

45 – Qual? _____

46 – Você frequenta:

( ) Nunca ( ) 1 vez ( ) 2 vezes ( ) 3 Vezes ( ) 4 vezes ( ) ___ vezes

46 – O que significa ou vem a sua cabeça quando pensa nas palavras:

Treinar:

_____

Estudar:

_____

Ir à Escola:

_____

Competir

_____

DADOS SOCIOECONÔMICOS

1 - Como você se CONSIDERA?

( ) Branco ( ) Negro ( ) Mulato/Pardo

( ) Amarela ( ) Indígena ( ) Não desejo declarar

( ) Outro _____

2 – Na sua casa tem televisão em cores?

( ) Sim, uma. ( ) Sim, duas. ( ) Sim, três ou mais. ( ) Não tem

3 – Na sua casa tem rádio?

( ) Sim, um. ( ) Sim, dois. ( ) Sim, três ou mais ( ) Não tem

4 – Na sua casa tem geladeira?

( ) Sim, uma. ( ) Sim, duas ou mais ( ) Não tem

5 – Na sua casa tem freezer separado da geladeira?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei

6 – Na sua casa tem máquina de levar roupas. (Não é tanquinho)

( ) Sim ( ) Não

7 – Na sua casa tem aspirador de pó?

( ) Sim ( ) Não

8 – Na sua casa tem carro?

( ) Sim, um. ( ) Sim, dois. ( ) Sim, três ou mais ( ) Não tem

9 – Na sua casa tem computador?

( ) Sim, com internet. ( ) Sim, sem internet. ( ) Não

10 – Na sua casa tem banheiro?

( ) Sim, um. ( ) Sim, dois. ( ) Sim, três ou mais ( ) Não tem

11 – Na sua casa trabalha alguma empregada doméstica?

( ) Sim, uma diarista, uma ou duas vezes por semana.

( ) Sim, uma todos os dias uteis

( ) Sim, duas ou mais todos os dias úteis.

( ) Não

12 – Na sua casa tem quartos para dormir?

( ) Sim, um. ( ) Sim, dois. ( ) Sim, três ( ) Sim, quatro ou mais ( ) Não tem

13 – Quantas pessoas moram com você?

( ) Moro sozinho ou com mais uma pessoa

( ) Moro com mais duas pessoas

( ) Moro com mais três pessoas

( ) moro com mais quatro ou cinco pessoas

( ) Moro com mais seis a oito pessoas

( ) Moro com mais de oito pessoas

14 – Você mora com sua mãe?

( ) Sim ( ) Não ( ) Moro com outra mulher responsável por mim

15 – Até que série sua mãe ou a mulher responsável por você estudou?

( ) Nunca estudou ou não completou a 4º série

( ) Completou a 4º série, mas não completou a 8º série

( ) Completou a 8º série, mas não completou o ensino médio

( ) Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade

( ) Completou a faculdade

( ) Não sei

16 – Sua mãe ou mulher responsável por você sabe ler e escrever?

( ) Sim ( ) Não

17 – Você vê sua mãe ou mulher responsável por você lendo?

( ) Sim ( ) Não

18 – Você mora com seu pai?

( ) Sim ( ) Não ( ) Moro com outro homem responsável por mim

19 – Até que série seu pai ou o homem responsável por você estudou?

( ) Nunca estudou ou não completou a 4º série

( ) Completou a 4º série, mas não completou a 8º série

( ) Completou a 8º série, mas não completou o ensino médio

( ) Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade

( ) Completou a faculdade

( ) Não sei

20 – Seu pai ou homem responsável por você sabe ler e escrever?

( ) Sim ( ) Não

21 – Você vê seu pai ou homem responsável por você lendo?

( ) Sim ( ) Não

Rev Bras Ciênc Esporte. 2016;38(4):400–406

Revista Brasileira de
CIÊNCIAS DO ESPORTE

www.rbceonline.org.br

ARTIGO ORIGINAL

Jornada escolar *versus* tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica

Leonardo Bernardes Silva de Melo[a,*], **Hugo Paula Almeida da Rocha**[b], **André Luiz da Costa e Silva**[a,c] **e Antonio Jorge Gonçalves Soares**[d,e,f]

[a] *Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Centro de Educação Física e Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, ES, Brasil*
[b] *Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*
[c] *Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*
[d] *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Brasil*
[e] *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), Cientista do Estado, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*
[f] *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Departamento de Didática, Rio de Janeiro, RJ, Brasil*

Recebido em 7 de fevereiro de 2013; aceito em 12 de junho de 2014
Disponível na Internet em 10 de dezembro de 2015

PALAVRAS-CHAVE
Educação;
Jovens atletas;
Esporte;
Escola

Resumo O objetivo do presente estudo foi analisar o tempo dedicado à formação profissional no futebol e à escola básica entre os atletas das categorias de base dos clubes da cidade do Rio de Janeiro e de fora dela. Fizemos entrevistas estruturadas com 228 atletas – das categorias sub-17 e sub-20 – de 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro, incluindo os atletas dos clubes da capital fluminense. Observamos que os atletas dos clubes da capital investem mais tempo no futebol do que os demais jovens entrevistados. Esse tempo destinado ao esporte sugere uma concorrência com a formação escolar. Por fim, afirmamos que o tempo gasto com a formação no futebol pode criar dificuldade para uma vida escolar dedicada e para uma formação cultural de qualidade.
© 2015 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

KEYWORDS
Education;
Young athletes;
Sport;
School

School day versus training time: the football professionalization and training in basic school

Abstract The objective of this study was to analyze the time devoted to vocational training in basic schools and football among the athletes of the basic categories of clubs in the city of Rio de Janeiro and beyond. We conducted structured interviews with 228 athletes – the

* Autor para correspondência.
E-mail: leonardo.melo@globo.com (L.B.S. Melo).

http://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.003
0101-3289/© 2015 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este é um artigo Open Access sob uma licença CC BY-NC-ND (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

sub categories-17 and under-20 – from 19 clubs in the State of Rio de Janeiro. We observe that athletes of clubs from the capital they invest more time in football than other young people interviewed. This time spent with this sport formation suggests a competition with the school formation. Finally, we affirm that the time spent with the formation in football can create difficulties for a dedicated school life and cultural quality education.
© 2015 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Published by Elsevier Editora Ltda. This is an open access article under the CC BY-NC-ND license (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

PALABRAS CLAVE
Educación;
Atletas jóvenes;
Deporte;
Colegio

Jornada escolar frente a tiempo de entrenamiento: la profesionalización del fútbol y la formación en la instrucción básica

Resumen El objetivo de este trabajo fue analizar el tiempo dedicado a la formación profesional en el fútbol y el tiempo dedicado a la instrucción básica entre los atletas de las categorías básicas de clubes en la ciudad de Río de Janeiro. Realizamos entrevistas estructuradas a 228 atletas – de las categorías sub-17 y sub-20 – de 19 clubes del estado de Río de Janeiro, incluyendo a atletas de clubes de Río de Janeiro. Observamos que los atletas de clubes de la capital invertían más tiempo en el fútbol que el resto de jóvenes entrevistados. Este tiempo destinado al deporte sugiere una competencia con el colegio. Por último, declaramos que el tiempo dedicado a la formación en el fútbol puede crear dificultades respecto al tiempo dedicado al colegio y a una educación cultural de calidad.
© 2015 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Este es un artículo Open Access bajo la licencia CC BY-NC-ND (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Introdução

A escolha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 ajudou a inflamar os apelos midiáticos e os investimentos para o evento. Em texto publicado no Portal 2014, Gonçalves (2012) indicou que os gastos previstos pelos representantes do governo nacional somariam R$ 26,5 bilhões em reformas e melhorias de infraestrutura urbana, estádios, segurança, entre outras exigências requeridas para um evento desse porte. Por outro lado, a Associação Brasileira de Infraestrutura e Estrutura de Base (Abdib) estimou que essa verba poderia ser ainda maior: R$ 113,3 bilhões (Godoy, 2011). O relatório da Abdib identificou 872 projetos, nas 12 cidades sedes, os quais preencheriam o investimento estimado pela Associação.

Um aspecto é bastante importante dentro dos princípios e dos conceitos que nortearam o estudo. Os projetos identificados não foram listados por atender exclusivamente à Copa do Mundo, mas principalmente porque têm potencial para reduzir ou eliminar deficiências e carências atuais ou previstas tanto na infraestrutura quanto na rede de serviços públicos (Godoy, 2011).

Todo esse investimento público para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil reforça a cristalização da identidade nacional de que somos ''o país do futebol''. Outro aspecto a ser notado é o papel da mídia na criação da aura sacralizada do esporte bretão em nosso território. A fala do jornalista William Waak, da Rede Globo de Televisão, define em tom preciso o prestígio do futebol no Brasil: ''O futebol é a paixão nacional, consagra e enriquece jogadores, técnicos e dirigentes. Transforma craques em deuses''.[1] (4ª Divisão, 2009). Essa importância e esses investimentos designados a esse esporte fomentam no imaginário de crianças e adolescentes a crença na possibilidade de mobilidade social e econômica pelas vias do futebol.

O presente artigo é produto de uma investigação feita com atletas das categorias de base dos clubes de futebol no Estado do Rio de Janeiro. A motivação para a pesquisa partiu da hipótese presente no senso comum, a saber: jogadores de futebol têm poucas oportunidades de frequência à escola, devido à rotina de treinamento e às competições regulares dos campeonatos estaduais, regionais, nacionais e, em alguns casos, internacionais. A partir dessa afirmativa, pensamos que o investimento simultâneo na dupla carreira, de atleta e de estudante, as quais ambas exigem tempo e dedicação para um bom desempenho, pode levar o indivíduo a priorizar uma carreira em detrimento da outra. Tomamos o conceito de ''dupla carreira'',' na medida em que tanto o esporte quanto a escola são instituições que exigem que o ator social passe por diferentes fases e

[1] ''4ª Divisão: o lado D do futebol'' foi produzida pelos repórteres Andrei Kampff e Ari Júnior, da Rede Globo de Televisão, que visitaram 12 times – os quais participaram da 4ª divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol em 2009 – em 11 cidades de todas as regiões do Brasil. Entrevistaram jogadores, parentes de jogadores, dirigentes e torcedores. O resultado desse trabalho jornalístico foi divulgado em uma série de 20 a 24 de julho de 2009 no Jornal da Globo.

aprendizagens até ser considerado apto para exercer seu papel social em cada etapa das carreiras dessas respectivas instituições. Aquilina (2013) indica a necessidade de os atletas terem uma dupla carreira, pois são poucos os atletas de alto rendimento recompensados financeiramente e que conseguem reconverter suas experiências esportivas pregressas em ocupações no mercado do esporte.

A seleção para o ingresso nas categorias de base de futebol se inicia precocemente e, muitas vezes, acontece antes mesmo dos 12 anos (Damo, 2007). Um dos meios mais populares de recrutamento – conhecido como ''peneira'–, em geral, trata de frustrar as expectativas de um enorme contingente de jovens aspirantes à profissionalização no futebol. As estimativas indicam que menos de 1% dos candidatos pretendentes a uma vaga no ''mercado da bola'' consegue alcançar seu objetivo (Toledo, 2002). Por exemplo, em 1995, dos 3.500 jovens que se aventuraram no processo seletivo do São Paulo Futebol Clube, apenas cinco foram aproveitados (Toledo, 2002). Treze anos mais tarde, apenas dois jovens foram selecionados entre os 1.000 candidatos, de todo o Brasil, presentes na peneira do Clube de Regatas Flamengo (Olheiros Virtuais, 2009). Muitos são os exemplos semelhantes a esses supracitados e, independentemente do intervalo de tempo, a realidade é a mesma: poucos conseguem ingressar nas categorias de base dos principais clubes do futebol brasileiro. Todavia, o acesso às equipes de base dos clubes não se dá apenas por essa forma universal, pois existem outras possibilidades de ingresso por meio de observadores, vinculados ou não aos clubes, que saem em busca de potenciais atletas em torneios de bairro, de escolas e nos clubes periféricos ao mercado.

Destaque-se que a busca dos jovens do sexo masculino por uma vaga no mercado do futebol não corresponde às oportunidades oferecidas. O mercado profissional do futebol no Brasil tem um número de postos de trabalho limitado. O Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo (Sapesp) estimou que 20% dos atletas sindicalizados, em 2009, encontravam-se em situação de desemprego. Comparando com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no mesmo ano, o percentual de desempregados no Brasil atingia 8,8 pontos (*in* 4ª Divisão, 2009). Dados de 2013 do Sapesp indicaram que cerca de 30% dos quase quatro mil jogadores do Estado de São Paulo encontravam-se em situação de desemprego em abril de 2013. Esses dados ficam alarmantes quando comparamos com a taxa de desemprego do Dieese, que apontou 11,3% de desempregados para a população economicamente ativa no mesmo período. O número de posto de trabalhos vem diminuindo com a extinção de clubes que disputam campeonatos oficiais. Damo (2007) estimou em 800 o número clubes de futebol credenciados nas subsidiárias da Fifa. Em 2009, o número de clubes caiu para 734 (Pluri Consultoria, 2013). Em 2013, o número de clubes que disputavam competições oficiais chegou a 654 (Pluri Consultoria, 2013). Houve, portanto, uma redução de 146 clubes em apenas seis anos. Além da diminuição dos postos de trabalhos, os jogadores enfrentam problemas de um calendário sazonal, que não contempla a maioria dos clubes brasileiros. Diante desses dados, a situação dos jogadores de futebol pode ser ainda mais precária. De acordo com a Pluri Consultoria (2013), em 2013 havia 12.888 jogadores registrados na CBF. No entanto, apenas 2.579 tinham contratos com duração prevista para toda a temporada. Os outros 10.309 jogadores tinham seus contratos de trabalho com a data de término firmada concomitantemente ao fim das competições estaduais – cerca de quatro meses. Os dados acima apontam que quase 80% dos jogadores no Brasil ficam sem clube a partir do fim dos campeonatos estaduais ou precisam buscar clubes no exterior. Com o fim dos campeonatos estaduais, somente as equipes que disputam uma das quatro divisões nacionais se mantêm ativas para o resto da temporada, ou seja, apenas 100 clubes. Tal fato faz com que esses indivíduos dividam sua rotina de treinamento e competições com outras ocupações ordinárias no mercado de trabalho para garantir sua sobrevivência (*In* 4ª Divisão, 2009).

A pirâmide salarial do futebol brasileiro é outro indicador que põe à prova as condições de mobilidade social e econômica pretendida com esse esporte. Em 2009, 84% dos atletas profissionais recebiam até R$ 1.000,00; 13% tinham ganhos entre R$ 1.000,00 e R$ 9.000,00; e 3% obtiveram vencimentos mensais acima dos R$ 9.000,00. Esses dados não sofreram mudanças significativas desde meados da década passada (4ª Divisão, 2009; Helal et al., 2005). Observemos que, para a maior parte dos casos, estamos diante de salários que podem estar aquém das aspirações e dos modelos midiáticos de atletas do futebol. Por essa razão, questionamos como um esporte com tão poucas oportunidades concretas para o acesso e permanência nos postos de trabalho desperta o interesse de tantos jovens em idade escolar.

O objetivo do presente estudo é analisar o tempo dedicado à formação profissional no futebol e à escola básica, comparar os dados entre os jovens atletas das categorias de base dos clubes da cidade do Rio de Janeiro e das instituições esportivas fora da capital fluminense.

Material e métodos

A coleta de dados foi feita em 19 clubes do Estado do Rio de Janeiro em 2009. Fizemos entrevistas estruturadas no sentido de entender como os atletas de duas categorias de base dos clubes de futebol do Estado do Rio de Janeiro destinavam tempo às atividades de profissionalização[2] no esporte e na formação escolar. O roteiro foi elaborado a partir das categorias que tratavam sobre a dedicação aos treinamentos, à escola e os dados de origem familiar. Neste estudo, concentramo-nos em analisar os dados sobre o tempo gasto pelos atletas nas atividades relacionadas ao futebol e à escola. Desse modo, comparamos os resultados de acordo com a localização dos clubes, a saber: a) clubes instalados na capital do Estado do Rio de Janeiro; e b) clubes fora da capital fluminense.

A amostra foi composta por 228 atletas, 119 da categoria sub-17 e 109 da categoria sub-20. Usamos nesse estudo o método não probabilístico casual para a seleção da amostra. Observamos que os clubes do Rio de Janeiro estão no centro do mercado de formação profissional de atletas de futebol no Brasil. A distribuição dos clubes por localização

[2] Entendemos profissionalização como os processos de formação que visam à entrada num determinado mercado para exercer uma função especializada com possibilidades de retorno financeiro. O profissional é aquele que detém um saber especializado no mercado de trabalho.

geográfica ficou da seguinte forma: a) 10 clubes da capital do Estado do Rio de Janeiro; e b) nove clubes de fora da capital fluminense.

Procedimentos metodológicos

As entrevistas foram agendadas diretamente com os responsáveis pelo clube. A seleção dos atletas respondentes foi feita aleatoriamente e garantimos o direito de liberdade de escolha para a feitura da entrevista e o anonimato aos jovens. As entrevistas foram feitas em contato direto com os atletas, durante ou após os treinamentos, de acordo com as possibilidades dentro de cada clube.

Procedimentos de análise

Os dados foram tratados a partir de uma análise descritiva com cálculo de média e desvio padrão, complementadas – quando necessárias – com o cálculo de prevalência. Os indivíduos foram agrupados por categoria (sub-17 e sub-20) e turno escolar (manhã, tarde e noite). Para a análise dos dados observados foi construída uma planilha no programa Microsoft Excel e a análise estatística foi feita no programa SPSS[3] para Windows (versão 19.0).

Procedimentos éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Gama Filho e aprovado: processo CAEE – 0012.0.312.312-07 e Parecer 017.2007. As entrevistas foram feitas mediante a permissão e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

No sentido de entender como o futebol pode exercer influência nas escolhas das estratégias de escolarização, tomamos como variável de análise a administração dos tempos gastos com o esporte e com a escola. Partimos do pressuposto de que a administração do tempo na rotina diária desses jovens pode ser um indicador das prioridades e escolhas que atletas e suas famílias fazem no processo de conciliação entre a escola e o futebol.

Na tabela 1 encontra-se descrito o tempo médio semanal dedicado aos treinamentos e à escola. Percebemos que há uma grande diferença na jornada escolar dos atletas dos clubes de fora da capital em relação àqueles jovens jogadores dos clubes da capital do Estado na categoria sub-17. A diferença entre as jornadas escolares totaliza três horas e 45 minutos. Os atletas da capital do sub-17 têm uma jornada escolar semanal de 17 horas e 56 minutos, enquanto que os atletas de fora da capital alcançam a jornada escolar de 21 horas e 41 minutos. Tais dados nos mostram que os atletas dos clubes da capital teriam, em

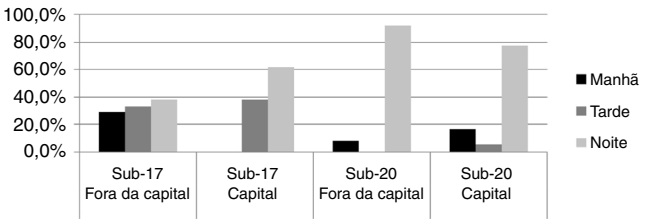


Figura 1 Distribuição percentual do turno de frequência à escola por categoria.

média, o equivalente a um dia de aula[4] a menos na semana em relação aos demais atletas.

Na categoria sub-20 a discrepância entre as médias das jornadas escolares é menor. Quem está na capital, nos principais clubes do Estado, em média estuda uma hora e 49 minutos menos por semana do que os atletas que jogam nos clubes fora da capital. Observemos que essa diferença é menor do que a percebida na categoria sub-17. Todavia, não podemos descartar tal fato, uma vez que ele possa representar a opção do jovem de escolher uma instituição de ensino que tenha um tempo de estudos compatível com sua rotina de atleta.

Os atletas da categoria sub-17 dos clubes localizados fora da capital fluminense estão distribuídos quase que igualmente nos três turnos escolares (fig. 1). Nos clubes da capital, a distribuição ocorre somente nos turnos vespertino e noturno. Portanto, a variação observada na jornada escolar pode ser explicada pela diferença no tempo exigido em cada um dos turnos. O mesmo fato acontece na categoria sub-20, ainda que o desvio padrão verificado seja um pouco mais brando.

Discussão

Pensemos que a jornada escolar semanal dos alunos não atletas do Rio de Janeiro – com faixa entre 15 e 17 anos – é de 23 horas e 30 minutos (Neri, 2009). Neri (2009) descreveu que o tempo dedicado à escola pode ter impacto direto na proficiência dos jovens nos testes padronizados, a saber: Enem[5] e Saeb[6]. Com isso, verificamos que a baixa jornada escolar dos atletas em relação aos alunos não atletas do Rio de Janeiro possivelmente colocá-los-ia em posição de desvantagem nos resultados dos testes supracitados. Por exemplo, o Enem vem sendo estudado como forma de acesso às universidades públicas em todo país. A partir de 2012 a maioria das universidades federais passou a usar o desempenho neste teste como forma de seleção dos candidatos (Monzani e Smosinski, 2012). Essa medida nos fornece um parâmetro para entendimento das possíveis dificuldades que os jovens atletas de futebol podem enfrentar para obtenção de credenciais educacionais satisfatórias para ocupações no mercado de trabalho fora do meio esportivo. Esse fato se

[3] Statistical Package for the Social Sciences.

[4] Se considerarmos o tempo de aula igual a 50 minutos, indicamos que três horas e 45 minutos representariam cerca de quatro tempos de aula. Porém, indicamos que um percentual da amostra (60,5%) estuda no período noturno, quando o tempo de aula é de 40 minutos. Portanto, a perda semanal totaliza cinco tempos de aula na semana.

[5] Exame Nacional do Ensino Médio.

[6] Sistema de Avaliação da Educação Básica.

Tabela 1 Tempo semanal dedicado ao futebol e à escola

Variável		Clubes da capital		Clubes de fora da capital	
		Tempo de treino	Jornada escolar	Tempo de treino	Jornada escolar
Sub-17	X	15:20:42	17:56:12	14:38:38	21:41:49
	DP	02:41:59	06:19:53	03:37:03	05:03:08
Sub-20	X	14:57:37	17:25:50	12:57:43	19:15:46
	DP	02:49:18	04:47:15	02:11:40	03:41:50

X, média; DP, desvio padrão.

agrava quando as políticas de estado no Brasil pouco contemplam o que Borggrefe e Cachay (2012) chamam de ''dupla carreira'', formação no esporte e na escola. Aqui, como em muito outros países, não existe uma interação entre o sistema educacional e o sistema esportivo, fica, assim, a cargo do estudante e atleta encontrar uma forma de administrar essas duas carreiras.

O alto investimento de tempo no esporte, em contraponto com a jornada escolar, pode indicar ainda uma estratégia de consolidação do projeto de vida desses atletas. Pensemos que o sistema educacional brasileiro carece de atenção para as questões de qualidade e equidade da educação. Ora, vejamos: no estudo sobre desigualdades de oportunidades no sistema educacional brasileiro, Ribeiro (2009) destacou que, apesar da contínua expansão do acesso à educação, esse estímulo foi acompanhado pela perpetuação das desigualdades entre jovens de diferentes níveis socioeconômicos, com clara desvantagem para aqueles que estão nos estratos sociais mais baixos. Cardoso (2013) indicou, ao analisar os dados do Censo de 2000 e de 2010, que tem aumentado a probabilidade dos jovens brasileiros, das camadas mais pobres, de estar na condição de quem não estuda e nem trabalha ou procura emprego. Nesse caminho, acreditamos que a escola pode desestimular uma parcela da juventude que identifica que os prêmios oferecidos por ela não serão alcançados por todos. Logo, podemos imaginar que os jovens com baixa expectativa na escola buscam outros caminhos de profissionalização simultâneos ou paralelos à escola.

A desvantagem observada para os atletas pode ser relativizada se compararmos as diferenças entre os dados referentes aos atletas dos clubes da capital e fora da capital com os resultados dos alunos não atletas. Para a categoria sub-17, teremos a seguinte configuração: a jornada média semanal dos alunos atletas – vinculados aos clubes da capital – é reduzida em cinco horas e 33 minutos em relação aos alunos não atletas do Estado do Rio de Janeiro; a mesma comparação – referentes aos alunos atletas dos clubes de fora da capital – indica que a diminuição da jornada escolar é de uma hora e 48 minutos. Tal fato mostra que os atletas dos clubes da capital podem ter um prejuízo maior na escolarização em relação aos demais atletas. Ao mesmo tempo devemos também entender que os atletas que estão na capital têm, em função da posição de seus clubes no mercado de futebol, mais chances de profissionalização nesse esporte. Esse fato sugere que os atletas dos clubes da capital talvez secundarizem a escolarização em função da pressão e das chances que têm na carreira esportiva nos clubes mais valorizados no mercado.

Por outro lado, a prioridade de dedicação a uma carreira em detrimento da outra pode ser expressa pela proporção que a jornada de treinamento representa frente à jornada escolar. Na tabela 1, podemos ainda observar que em ambas as categorias (sub-17 e sub-20) a jornada de treinamento é menor do que a da jornada escolar. Nos clubes localizados na capital do Estado do Rio de Janeiro, a proporção da jornada de treinamento em relação à jornada escolar equivale a 85% aproximadamente; nos clubes fora da capital, esse percentual fica próximo dos 67 pontos. Isso, possivelmente, indicaria que os atletas das categorias de base de futebol dos clubes localizados na capital tendem a se dedicar mais à profissionalização no esporte em tela. Por sinal, os clubes localizados na capital oferecem também maiores possibilidades de profissionalização, pois são os clubes com maiores recursos financeiros e infraestrutura. Cabe lembrar que a prioridade dada à profissionalização e as dificuldades de obtenção de credenciais educacionais poderão criar problemas para aqueles que forem malsucedidos no esporte (Souza et al., 2008).

Outro dado a ser analisado diz respeito ao desvio padrão encontrado para as jornadas de treinamento e a jornada escolar. Principalmente na categoria sub-17, observamos que o desvio padrão para a jornada escolar é de seis horas e 19 minutos para os atletas dos clubes da capital; e cinco horas e três minutos para os demais atletas. As diferenças entre as médias da jornada escolar declaradas pelos atletas e o tipo de valores discrepantes apontados pelo cálculo do desvio padrão indica que, para além do reduzido tempo da jornada escolar brasileira, as escolas não têm uma cultura padronizada que garanta o cumprimento da jornada escolar estabelecida em termos legais.[7] Talvez a explicação para a variância exagerada passe pelo turno frequentado pelos atletas, como está descrito na figura 1.

Um dado relevante a ser notado na distribuição dos atletas por turno escolar é a diferença encontrada entre os clubes da capital e os de fora dela. Verificamos que os atletas dos clubes da cidade do Rio de Janeiro têm maior incidência de frequência aos turnos da tarde e da noite. Observamos que os atletas passam a estudar na escola noturna em função das demandas do futebol nessa fase da formação, que é composta de duas jornadas de treino por

[7] De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei n° 9.394, de 20/12/96), a carga horária do ano letivo é de 800 horas, dividas em pelo menos 200 dias. Sendo assim, o tempo mínimo diário para a jornada escolar seria de quatro horas (Brasil, 1996).

dia ou a alternância desses turnos. Como é sabido, o ensino noturno na educação básica tem, em geral, menor qualidade do que o diurno (Togni e Soares, 2007). Nesse caso, os atletas ficam a mercê dos contratos e das rotinas estabelecidos pelo clube, de modo que esse fato acaba por empurrá-los para o ensino noturno e, como já dito, esse turno apresenta menor qualidade que a escola diurna (Corrochano e Nakano, 2002).

Observamos diferenças marcantes entre o tempo de dedicação à escola e aos treinamentos comparando os jovens atletas dos clubes da capital com aqueles que atuam em agremiações localizadas fora da cidade do Rio de Janeiro. Tal fato sugere que os atletas da capital fluminense priorizam a formação profissional no esporte de modo mais intenso do que os demais, provavelmente em função de estar atuando em clubes de maior prestígio, com rotinas mais rigorosas de treinamento e com alto grau de competição entre os candidatos a um posto no futebol profissional.

A alta proporção do tempo de treinamento frente à jornada escolar pode indicar uma concorrência entre essas agências de formação profissional (esporte e escola) ou entre essas carreiras. Outro dado que nos leva a pensar nessa hipótese é a dispersão exagerada do tempo dedicado à escola. Esse indicador pode nos mostrar algumas incidências, a saber: a) a baixa jornada escolar; b) a dificuldade que as instituições de ensino têm para o cumprimento de um padrão equivalente às exigências legais; c) a falta de responsabilidade dos clubes em suprirem educação qualidade para esses jovens aprendizes ou aspirante a trabalhadores do esporte; d) a falta de controle do estado sobre essas empresas do esporte (clube, empresários e empresas) que empregam esses jovens no mesmo momento em que estão cursando a educação básica e sobre o funcionamento das escolas no cumprimento da jornada escolar padrão.

O trânsito em direção ao ensino noturno pode sugerir que o período da noite se torne uma opção para compatibilizar o futebol com a escola, devido às exigências progressivas de dedicação à carreira esportiva. Os dados sugerem que os clubes da capital exigem mais dos seus atletas a ponto de a distribuição deles pelos turnos escolares ser mais desequilibrada em relação à mesma variável verificada nos demais clubes fora da capital. Como já argumentamos, o ensino noturno tem um tempo inferior de aula ao diurno e a literatura aponta para inadequação do currículo escolar para os alunos trabalhadores, sejam daqueles envolvidos com o esporte ou com profissões comuns.

Conclusão

O tempo gasto com a formação no futebol pode criar dificuldades para uma vida escolar dedicada e para uma formação cultural de qualidade. Os dados deste estudo sugerem que a formação no futebol se torna prioridade em relação à escola em função dos desejos dos atletas que buscam a profissionalização. Isso parece óbvio, mas esse desejo só ganha conformidade se entendermos a configuração em que se encontra o tipo de atleta aqui estudado. Um dado do contexto é o tipo de pressão que a rotina de formação esportiva impõe ao atleta. Por exemplo, os clubes da capital fluminense, centro do mercado da formação de jogadores de futebol no estado, parecem empurrar seus atletas para o ensino noturno. Com isso, esses atletas, que estão na fatia mais valorizada do mercado e com mais chances de profissionalização, administram a dupla carreira estudando à noite, provavelmente em função da rotina mais rígida de formação nos clubes da capital. Esse fato leva os atletas que estão nesses clubes da capital a terem uma jornada escolar inferior em função do turno escolar. Os indícios deste estudo e de outros, no cenário nacional e internacional, sugerem que quanto maiores as chances de profissionalização no esporte de alto rendimento, menores se tornam as possibilidades de dedicação à escola (Soares et al., 2013; Christensen e Sorensen, 2009; Aquilina, 2013; Hickey e Kelly, 2008) No caso específico dos atletas de futebol no Rio de Janeiro, Melo (2010) indica que o clube de futebol é pouco flexível em relação às exigências escolares. Em contraposição, vários atletas declararam que negociam junto aos professores e aos diretores de suas respectivas escolas as faltas e as remarcações de provas e tarefas em função das demandas do clube. Os atletas declaram que podem viajar até por um mês quando estão em competições internacionais. Assim, temos uma escola flexível diante dos clubes inflexíveis. Isso é um dado do contexto que informa àqueles que desejam tornarem-se atletas de futebol profissional qual deverá ser a prioridade.

Se a escola básica oferece poucas chances de inserção na parte do mercado de trabalho bem remunerada – dada a desfuncionalidade do ensino médio propedêutico de garantir uma qualificação específica –, a decisão de tentar prioritariamente a carreira nos gramados e, em paralelo, conseguir a certificação do ensino médio pode ser vista com algo razoável no contexto da vida desses jovens. Pois devemos ter consciência de que a qualidade da escola no Brasil e as oportunidades de formação cultural e profissional para a juventude nessa instituição, talvez, apenas auxiliam potencializar as apostas na carreira do futebol.

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Referências

4ª Divisão: o lado D do futebol. *Jornal da Globo*. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 20-24 de julho de 2009. Série apresentada em programa de TV.

Aquilina D. A study of the relationship between elite athletes educational development and sporting performance. IJHS 2013;30:374–92.

Brasil. Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-normaatualizada-pl.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2012.

Cardoso A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. Caderno CRH V 26 2013(68):293–314.

Christensen MK, Sorensen JK. Sport or school? Dreams and dilemmas for talented young Danish football players. Eur Phy Educ Rev 2009;15:115–37.

Corrochano MC, Nakano M. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: Sposito MP, editor. Juventude e escolarização (1980-1998). Brasília, DF: MEC/Inep/Comped; 2002. p. 95–134.

Damo A. Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo e Rothchild, Anpocs; 2007.

Godoy P. *Faltam mil dias para a Copa do Mundo no Brasil*. Set. 2011. Disponível em: <http://www.abdib.org.br/index/opiniao_abdib_detalhes.cfm?id_opiniao=249>. Acesso em: 19 jun. 2012.

Gonçalves R. *O preço da Copa*: Gasto em aeroportos, estádios, hotelaria, mobilidade, portos e segurança pode chegar a R$ 26,5 bi. 2012. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/noticias/9404/O+PRECO+DA+COPA.html>. Acesso em: 19 jun. 2012.

Helal R, Soares AJG, Salles JG, do C. Futebol. In: Atlas do esporte no Brasil. 1° ed. Rio de Janeiro: Shape; 2005. p. 257–9.

Hickey Christopher, Kelly Peter. Preparing to *not* be a footballer: higher education and professional sport. Sport Educ Soc 2008;13:477–94.

Melo LBS. Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

Monzani M, Smosinski S. *Enem 2012 será obrigatório para seleção em pelo menos 39 universidades federais*. 2012. Disponível em: < http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/06/13/enem-2012-sera-obrigatorio-para-selecao-em-pelo-menos-39-universidades-federais-inscricoes-terminam-na-sexta.htm>. Acesso em: 20 jun. 2012.

Neri MC. (coord.). *Tempo de Permanência na Escola*. Rio de Janeiro: FVG/IBRE, CPS,;1; 2009b. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/tpe/>. Acesso em: 10 jun. 2011.

Olheiros Virtuais. *Sportv Repórter*. Rio de Janeiro: Canal Sportv, 23 de setembro de 2009. Programa de TV.

Pluri Consultoria. Pluri Especial – O que fazer com 554 clubes sem calendário? - 26/02/2013. Acesso em: 04/03/2014. Disponível em: <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20eSPECIAL%20-%20O%20que%20fazer%20com%20554%20clubes%20sem%20calendario.pdf>.

Ribeiro CAC. Desigualdade de oportunidades no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm; 2009.

Soares AJG, Melo LBS, Bartholo TL, Velarde GC, Ribeiro CHV, Santos TM. Time for football and school: an analysis of young brazilian players from Rio de Janeiro. Estúdios Sociológicos 2013:1–14, XXXI.

Souza CAM, Vaz AF, Bartholo TL, Soares AJG. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. Horiz Antropol 2008;14:85–111.

Toledo LH. Lógicas do futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp; 2002.

Togni AC, Soares MJ. A escola noturna de ensino médio no Brasil. Rev Iberoam Educ 2007;44:61–76.